



# DIÁRIO

## da Assembleia Nacional

X LEGISLATURA (2014-2018)

2.ª SESSÃO LEGISLATIVA

### REUNIÃO PLENÁRIA DE 27 DE ABRIL DE 2015

**Presidente:** Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Diogo

**Secretários:** Ex.<sup>mos</sup> Srs. Nenésio Afonso

Aérton do Rosário

Sebastião Pinheiro

#### SUMÁRIO

O Sr. Presidente declarou aberta a sessão às 10 horas.

O Plenário procedeu ao debate e aprovação conjunta, na generalidade, das Grandes Opções do Plano (GOP) e Orçamento Geral do Estado (OGE), após apresentação pelo Sr. Primeiro-Ministro e Chefe do Governo (Patrice Emery Trovoada) e leitura do parecer da Comissão de Orçamento e Administração Pública (3.ª Comissão Especializada Permanente), pelo Sr. Deputado Aérton Crisóstomo.

No debate, usaram da palavra, além do Sr. Primeiro-Ministro, que também respondeu às questões levantadas, os Srs. Deputados Maria das Neves (MLSTP/PSD), Felisberto Afonso (UDD), Danilson Cotú

(PCD), Abnildo d' Oliveira (ADI), Ana Rita (MLSTP/PSD), Alda Ramos (ADI), Arlindo Barbosa (MLSTP/PSD) e Beatriz Azevedo (MLSTP/PSD).

Apresentaram discurso de final do debate, na generalidade, os Srs. Deputados Arlindo Barbosa (MLSTP/PSD) e Abnildo d'Oliveira (ADI). O Sr. Deputado Danilson Cotú (PCD) usou da palavra para justificar a não apresentação do discurso.

O debate foi encerrado com a intervenção do Sr. Primeiro-Ministro e Chefe do Governo.

O Sr. Presidente terminou a sessão às 13 horas e 40 minutos.

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, existe quórum, pelo que declaro aberta a sessão.

*Eram 10 horas.*

*Estavam presentes os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Abnildo** dos Nascimento d' **Oliveira**  
**Adilson** Cabral **Managem**  
**Alda** Quaresma d' Assunção dos **Ramos**  
**Ângela** dos Santos Ramos José da Costa **Pinheiro**  
**Arlindo** Quaresma **dos Santos**  
**Berlindo** Branco Vilela **Silvério**  
**Bilaine** Carvalho Viegas de **Ceita**  
**Carlos** Manuel Cassandra **Correia**  
**Egrinaldino** de Carvalho Viegas de **Ceita**  
**Evaristo** do Espírito Santo **Carvalho**  
**Flávio** Pires **Mascarenhas** dos Ramos  
**Gabriel** Barbosa **dos Ramos**  
**Idalécio** Augusto **Quaresma**  
**Esmael da Glória do Espírito Santo**  
**Ivo** **Mendonça** da Costa  
**Joaquim** Salvador **Afonso**  
**José António** do Sacramento **Miguel**  
**José Carlos** Cabral D'Alva  
**José** da Graça **Diogo**  
**José Manuel** Macumbo Costa Alegre  
**Jorge** Sousa Pontes Amaro **Bondoso**  
**Levy** do Espírito Santo **Nazaré**  
**Mário** **Fernando**  
**Martinho** da Trindade **Domingos**  
**Nenésio** Quaresma **Afonso**  
**Ossáquio** Perpetua **Riôa**  
**Pedro Jorge** de Abreu e Carvalho  
**Salcedas d'Alva** **Teixeira Barros**  
**Sebastião** Lopes **Pinheiro**  
**Silvestre** **Moreno Mendes**  
**Wilder** **Monteiro dos Santos**

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

**Aérton** do Rosário **Crisóstomo**  
**Ana** Isabel Meira **Rita**  
**António** **Monteiro** Fernandes  
**António** das Neves Sacramento **Barros**  
**Arlindo** **Barbosa** Semedo  
**Beatriz** da Veiga Mendes **Azevedo**  
**Brito Vaz d'Assunção do Espírito Santo**  
**Deolindo** Luís da Trindade **da Mata**  
**Dionísio** **Leopoldino** Fernandes  
**Domingos** **Monteiro** Fernandes  
**Manuel** da Cruz **Marçal** Lima  
**Marida** das Neves Baptista de Sousa  
**Mohamed** **Guadalupe** Ramos da Gloria  
**Oswaldo** **Tavares dos Santos Vaz**  
**Vasco** Gonçalves **Guiva**

Partido de Convergência Democrática (PCD):

**Danilson** Alcântara Fernandes **Cotú**  
**Delfim** Santiago das **Neves**  
**Filomena** Maria de Fátima Dias Xavier de Pina **dos Prazeres**  
**Jorge** Dias **Correia**

José Luís **Xavier Mendes**

União dos Democratas para a Cidadania e Desenvolvimento (UDD):

**Felisberto Fernandes Afonso**

O Sr. **Presidente**: — Alerto às Sras. e Srs. Deputados que esta sessão não dispõe do período de antes da ordem do dia, conforme o estatuído no ponto 4 do artigo 209.º do Regimento da Assembleia Nacional: «Durante o debate as reuniões não têm período de antes da ordem do dia».

Segundo o ponto 1 do mesmo artigo, devemos ter no mínimo 2 e no máximo 5 dias para fazer a apresentação na generalidade dos dois documentos. Entretanto, conforme a decisão saída da Conferência de Líderes, o debate na generalidade terá a duração de dois dias.

Portanto, vamos iniciar, esperemos que continuemos amanhã, vai depender de como vai decorrer a nossa sessão hoje.

Vamos convidar a Sua Excelência o Primeiro-Ministro e o seu elenco governamental para ocupar o seu lugar nesta augusta Assembleia, de modo a iniciarmos a sessão de análise e discussão das Grandes Opções do Plano (GOP) e do Orçamento Geral do Estado (OGE) para o ano económico 2015.

Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministros, saúdo-vos em meu nome próprio e em nome das Sras. e Srs. Deputados desta Casa Parlamentar.

Como já havia dito, estamos cá para fazer a análise, discussão e aprovação das Grandes Opções do Plano e do Orçamento Geral do Estado para o ano económico 2015. Conforme o ponto 2 do artigo 209.º do Regimento da Assembleia Nacional, este debate inicia-se com uma intervenção de Sua Excelência o Sr. Primeiro-Ministro ou alguém por ele indicado.

Portanto, convido o Sr. Primeiro-Ministro para fazer a apresentação destes dois documentos e informo-o de que dispõe de 30 minutos para o efeito.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo** (Patrice Trovoada). — Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Sra. e Srs. Membros do Governo, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, Caros Presentes, muito bom dia.

A apresentação do OGE e a sua defesa pelo Governo, no quadro da sua discussão pela representação nacional democraticamente eleita, é uma prática tradicional a que o País está habituado e todos aguardam com maior ou menor ansiedade, em função do nível das suas expectativas. Apesar de tradicional, esta prática reveste-se, no contexto actual, de um carácter bastante particular, por razões de vária ordem que importa aqui sublinhar.

Em primeiro lugar, a discussão desta proposta do OGE tem lugar decorridos cerca de 4 meses após a data que supostamente deveria entrar em vigor, prevendo-se a sua promulgação e consequente publicação apenas em meados do mês de Maio, deixando ao País pouco mais de 7 meses de execução.

Obviamente que assumiremos plenamente essa circunstância, de facto, e dispensaremos, nesta altura em que os nossos principais parceiros já se preocupam com o orçamento do próximo ano, qualquer discurso sobre as causas que nos conduziram irremediavelmente a esta situação. Pois, todo o debate a volta disso seria estéril e o seu promotor apenas revelaria uma vontade de nos fazer perder ainda mais tempo e energia, quando o momento urge acção, dedicação e trabalho produtivo.

Em segundo lugar, trata-se, na verdade, de um orçamento do cidadão, em suma um orçamento participativo, construído com a colaboração estreita das populações interessadas e primeira a beneficiar de todas as nossas acções.

Incontáveis são os aspectos, acções e medidas neles retratados que foram objectos de longas discussões apreciações e críticas populares que os tornaram ilegíveis e os conferiram dignidade para figurarem no rol de actividades do Governo para o ano de 2015.

Não se trata, obviamente, por essas razões, de uma obra-prima, mas representa inquestionavelmente um esforço de melhoria da sua qualidade e de aprofundamento da nossa democracia e transparência orçamental.

Tenta-se, desta sorte, responder de forma mais concreta aos naturais anseios e expectativa da maioria das nossas populações ao longo do corrente ano no momento em que os recursos são escassos, as necessidades são imensas e tudo é prioritário.

Enfim, em terceiro lugar, a presente proposta do OGE é igualmente particular, porque se trata de um orçamento que vem à luz do dia no contexto de forte pressão financeira interna e de enormes constrangimentos no plano dos recursos dedicados a ajuda pública internacional ao desenvolvimento, fortemente condicionado pela crise económica e financeira e consequente contracção da economia por que passa a grande maioria dos países doadores.

Daí que a nossa proposta do OGE submetida a esta magna Assembleia reflecta plenamente a conjuntura interna e externa e o modo como o Governo assume a sua responsabilidade confiada pelo povo na condução dos destinos do nosso país.

Sras. Deputadas, Srs. Deputados, trata-se com efeito de uma proposta de OGE que traça uma direcção clara e aponta sem equívocos as prioridades da acção do Governo. Estamos de facto perante uma proposta sincera do OGE que, para além de fornecer repostas realistas aos problemas económicos com as quais o País se confronta, é também portadora de uma grande ambição, quer do ponto de vista da coesão social nacional, quer do ponto de vista da melhoria do clima de negócio e da criação de condições para atracção de investimento de que o nosso país carece, para que a economia possa gerar novos e abundantes postos de trabalho e criar riqueza.

Apesar desta grande e legítima ambição, é necessário que estejamos todos conscientes de um facto: as GOP e o OGE embora constituam instrumentos fundamentais e imprescindíveis de gestão da economia, por si só não resolvem os problemas e as dificuldades com os quais se confrontam a nossa sociedade e a nossa economia. Isso é tanto mais verdade que se trata de documentos com caracter meramente anual, tempo insuficiente para que se registe de modo inequívoco e tangível os efeitos da execução das medidas nelas expressas.

De igual modo, não importa a qualidade e a quantidade de medidas, bem como o valor absoluto dos números que neles foram inseridos. Podemos até elaborar um OGE orçado em bilhões de dólares, produzirá certamente um efeito de anúncio, mas nada mais do que isso.

As Grandes Opções do Plano, vulgarmente conhecidas por GOP, por sua vez, mais não representa do que as nossas principais linhas de actuação para o referido exercício económico. Como facilmente constatarão, não podem existir grandes opções que possam realizar-se e concluir-se num lapso de tempo inferior a um ano, o que nos interpela para a necessidade de uma grande coerência dessas medidas de política dentro de uma visão global, não só para a legislatura como dentro de uma perspectiva de muito mais longo prazo e da sua sustentabilidade.

Por sua vez, o OGE não é mais do que a tradução contabilística provisional dessas linhas de actuação. Constituirão certamente cifras naturalmente ponderadas em função de uma multitude de variáveis que escapam não raras vezes ao controlo do Governo. Trata-se, em suma, de uma provisão de receitas e despesas que importa concretizar ao longo do exercício orçamental.

Por tudo isso, poderíamos até dizer, sem correr o risco de chocar o espírito mais puristas, que o OGE é bom para as despesas, na medida em que ele não incita a realização das despesas como legitima a sua execução, condição necessária para a sua realização.

Em contrapartida, não resolve o problema das receitas cuja efectivação supõe não só a sua arrecadação, mas sobretudo o desenvolvimento de uma capacidade de mobilização, quer interna quer externa e, nas condições actuais, um trabalho de equipa árduo e de todos os instantes.

A esses esforços deve juntar-se outros que apelam a reformas sectoriais profundos e uma vontade política firme de transformar e mudar aquilo que todos sabemos que não sustenta a futuro que todos almejamos.

Assim, a discussão e aprovação das GOP e do OGE não constituem procedimentos mecânicos que abrem cofres, onde estão por ventura depositados todos os recursos de que necessitamos para financiar todas as nossas actividades. Com a discussão e aprovação das GOP e do OGE, teremos na nossa posse valiosos documentos de orientação político-económica que nos servirão de guia ao longo dos 8 meses que nos restam até ao fim do ano.

Será preciso trabalho, muito trabalho, para converter esses documentos em medidas e valores tangíveis, sendo sempre forçoso ter em linha de conta que não há medidas de política que se concretiza num espaço tão curto de tempo e que produza resultados visíveis e duradouros nesse lapso temporal.

Em regra, essas medidas de política, mesmo quando não carecendo de recursos financeiros significativos, implica elaboração e adequação sistemática de estratégia de actuação e uma abundante produção legislativa e regulamentar, formação e conversão de recursos humanos nos mais variados sectores e, enfim, por vezes, uma radical mudança de comportamentos e atitudes dos diferentes agentes participantes.

Assente nas Grandes Opções do Plano, o OGE para o exercício de 2015 visa o desenvolvimento contínuo e sustentado do capital humano, uma melhoria significativa das infra-estruturas do País e um aumento da produção, enquadrado numa visão estratégia de desenvolvimento a longo prazo, suportado pelos sectores do Turismo, da Agricultura, do alto valor acrescentado e uma economia de uma área de serviço de excelência em sectores em que São Tomé e Príncipe possui e pode criar vantagens comparativas.

É inquestionável a importância do capital humano em qualquer processo de desenvolvimento, daí que a actuação do Governo está inteiramente virada para as pessoas, para os são-tomenses, para os beneficiários da política de emprego, colocando a pessoa humana no centro da elaboração das soluções para o crescimento económico, fazendo dela simultaneamente autor e beneficiário.

É desta forma que o orçamento do cidadão faz todo o sentido e encontra toda a sua expressão no desenvolvimento político que a nossa Constituição proporciona. É forçoso notar que o legislador constituinte

não deixou quaisquer margens para dúvidas quando afirmou que a participação e o envolvimento directo e activo dos cidadãos na vida política constituem condição fundamental de consolidação da República.

De igual modo, não deixa margem para dúvidas no que concerne à necessidade de participação directa das populações nos assuntos que interessam à República. Percebe-se, sem grande esforço, que a participação na vida pública, bem como a participação política dos cidadãos, incluindo a participação pessoal e directa dos beneficiários das políticas públicas, visa concretizar um fundamento do nosso Estado de Direito. É, pois, à luz desse fundamento e do cumprimento de um comando constitucional que o XVI Governo Constitucional retoma uma iniciativa inaugurada em 2012 e lança o processo de elaboração do orçamento do cidadão para 2015, auscultando e discutindo com as populações as suas próprias necessidades, as suas prioridades e o modo de afectação das verbas para a sua realização.

Pretende-se igualmente, desta sorte, aproximar os governantes dos governados, uma aproximação inspirada nos valores da democracia participativa.

O povo sugere projectos, participa na sua discussão, inteira-se dos constrangimentos e das limitações, bem como da melhor forma de afectação dos recursos, interagindo com o Governo. Por outro lado, o Governo prossegue com esta prática um outro importante objectivo, aumentar o grau de transparência orçamental, baseado no índice do orçamento aberto, proposto pelos organismos internacionais, como as organizações de *Bretton Woods* e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico.

O modelo não é obviamente perfeito nem resolve todos os problemas da democracia participativa, aliás, tal como a própria democracia, jamais qualquer modelo será perfeito, mas terá o mérito de fazer participar as populações, envolvê-las nos assuntos da gestão do Estado e retirar ao OGE esta carga impositiva de que vem conectado, resultando do facto de ser elaborado nos gabinetes técnicos pelas super estruturas do Estado e impostas sob a forma de lei a todos os cidadãos.

Estamos involvidamente perante uma nova realidade democrática que, quer queiramos quer não, irá influenciar a decisão sobre a utilização dos recursos públicos, quer a nível nacional, quer a nível distrital e regional.

O XVI Governo Constitucional está profundamente convencido de que se trata, com efeito, de uma nova realidade que apela ao verdadeiro espírito democrático e à participação directa do povo, uma tendência que se acentuará à medida que os espaços públicos de discussão se alargarem e a democracia se aprofundará e se consolidará em São Tomé e Príncipe. Desta forma, apesar da importância que o Governo atribui aos agregados macroeconómicos, fica claro que não governamos para os índices nem para os spots publicitários, mas sim para as pessoas.

Governar não pode ser um acto de caridade, uma vontade de tornar felizes as pessoas à nossa maneira, segundo os nossos critérios. É preciso que as pessoas participem, digam o que querem em cada momento, digam o que é para si prioritário e assumam as suas responsabilidades nessa escolha. Importa notar que o grau de satisfação das populações não é em função do desenvolvimento do País, mas antes está em função do grau de realização das opções e das escolhas dessas mesmas populações.

Assim, as populações reclamam uma maior proximidade, através dos poderes locais; o ordenamento do território não só com o propósito de otimizar os espaços, mas sobretudo para aumentar o seu conforto, as acessibilidades, a sua segurança e a disponibilização dos equipamentos sociais de que necessitam.

O aumento da quantidade e da qualidade de energia eléctrica e a sua penetração nos meios rurais é outra reclamação de vulto e com alto grau de prioridade.

O abastecimento de água e a melhoria da sua qualidade, bem como a melhoria dos serviços de saúde e de educação completam o leque das principais necessidades das populações.

No domínio das infra-estruturas, a melhoria e a extensão da rede viária nacional, incluindo os caminhos rurais, ocupam um lugar de destaque nos anseios das populações.

A extensão da rede energética nacional, bem como o acesso às novas tecnologias de informação fazem igualmente parte das reclamações da grande maioria da nossa população.

Enfim, o emprego, enquanto factor crucial da eliminação da pobreza no nosso país, faz da melhoria do clima de negócios uma obsessão colectiva para que se possa criar postos de trabalho, aumentar a produção e gerar riqueza, através do investimento directo privado.

Chegada a esta fase da minha intervenção, torna-se plausível lembrar o que foi o OGE para o ano 2014. Os dados preliminares dos serviços competentes apontam para uma execução orçamental, em 2014, de Dbs. 1. 763. 410. 000.000, 00 (Um bilião, setecentos e sessenta e três mil milhões e quatrocentos e dez milhões de dobras), o que representa um nível global de execução equivalente a 59.3% do total do Orçamento Geral do Estado aprovado naquele ano.

Do total das despesas de funcionamento programado, observou-se uma taxa de execução de 89.4%, enquanto para as despesas de investimento a taxa de execução foi apenas de 31.8%, o que reflecte uma total política de desinvestimento.

Ao analisarmos a estrutura do OGE para o ano 2014 e particularmente no que respeita aos principais sectores da economia, constatamos que o sector das Obras Públicas, representava em 18.5% do total do Orçamento, o sector da Educação, 14.4%, a Saúde 2.5% e enfim a Agricultura, 5.9%. Porém, em termos de execução observada, e é isso que interessa, na medida em que é esse o dinheiro que é injectado efectivamente na economia e contribui para o seu fortalecimento, o sector das Obras Públicas representou

apenas uma execução de 8.5% do OGE, a Educação, 10.8%, a Saúde, 8.7%, e finalmente a Agricultura com a módica percentagem de 4.3%.

Este baixo nível de execução orçamental de 2014 fora sobretudo verificado ao nível dos investimentos públicos devido à discrepância entre os valores inscritos e a fraca capacidade de mobilização dos recursos e, conseqüentemente, a não entrada dos recursos externos previstos. Assim, o sector das Obras Públicas, que detinha 29.6% do total do Programa de Investimento Público aprovado por esta magna Assembleia, conheceu uma execução efectiva de apenas 3.2% e a mesma tendência se verificou no sector da Educação, onde a percentagem foi apenas de 2.1%, quando estavam programados 7.6%. No sector da Saúde, foi apenas executado 6.1% do PIP, quando estavam previstos 2%, enquanto no sector da Agricultura registou-se uma execução de 5.8% face aos 7.7% programados no PIP, mas não foram apenas essas as deficiências e as insuficiências do OGE 2014. Foram modificadas as fontes de financiamento no total de projectos que já se encontravam em curso. Mais do que isso, foram inscritos projectos e valores para os quais as garantias de mobilização eram exageradamente remotas e obviamente não se concretizaram.

A lição que o XVI Governo tira dessas constatações é a seguinte: vale sempre mais aprovar um orçamento pequeno e realista, isto é, com as fontes de financiamento mais ou menos garantidas, com elevado grau de probabilidade de concretização do que inscrever aleatoriamente projectos e valores que jamais serão efectuados, inflacionando desnecessariamente o Orçamento.

Outra lição não menos importante é que as prioridades devem ser não só claramente definidas, mas democraticamente definidas.

No que concerne ao OGE para o ano 2015, o objectivo geral do XVI Governo passa pelo aumento da resiliência macroeconómica, sobretudo através do reforço da mobilização das receitas domésticas. Pese embora nenhum país esteja completamente imune a choques externos, o Governo reconhece que São Tomé e Príncipe é particularmente vulnerável a choques externos, dada as suas especificidades e as características inerentes a um pequeno Estado insular em desenvolvimento.

Para São Tomé e Príncipe, enquanto País importador líquido, incluindo a importação do petróleo, a considerável queda do seu preço poderá ter efeitos ambíguos na economia, bem como sobre as receitas fiscais de que muito depende o Governo para o funcionamento da sua máquina administrativa.

Os benefícios que se poderá esperar da nossa economia com a queda do preço do petróleo poderão advir de uma diminuição dos custos de produção dos bens intermediários e finais importados da zona euro e, nesta conjuntura, o crescimento económico que se espera em 2015 será de 5%. Apesar de os 5% corresponderem a uma tendência que se vem observando ao longo dos últimos anos, esse nível de crescimento é manifestamente insuficiente se o nosso aparelho burocrático continuar a absorver a quase totalidade das receitas domésticas, a inflação se mantiver aos níveis actuais e a nossa população continuar a crescer aos mesmos níveis.

Adicionalmente, a dimensão dos custos de produção e conseqüentemente dos preços dos bens intermediários e finais importados, sobretudo da zona euro, poderão ajudar igualmente o Governo na sua estratégia de contínua redução da inflação e no aumento de poder de compra das famílias são-tomenses.

É assim esperada uma inflação média anual que seja de 5.5% em 2015 e inferior aos 6.9% observados em 2014, mas insuficientes para que as populações sintam os efeitos dos crescimentos da economia verificados.

É igualmente esperado que as receitas fiscais venham a aumentar até ao nível correspondente a 16.5% do PIB em 2018, tendo como ponto de partida um crescimento de 15.2% do PIB em 2015. O total das receitas domésticas deverão aumentar de 15.6% do PIB arrecadado em 2014 para 16.9% do PIB em 2015 e até 18.2% do PIB em 2018 que coincidirá com o final da presente Legislatura.

O aumento da massa salarial no corrente ano 2015 implica necessariamente uma limitação de todas as outras despesas primárias domésticas, dado o seu carácter certo e permanente e pelo facto de a massa salarial absorver mais de 51% do total das receitas produzidas pela nossa economia.

O elevado peso que essas despesas têm no total do orçamento deve ser facto de que o sector privado ainda não está suficientemente desenvolvido no que concerne à geração de postos de emprego.

Com o intuito de inverter a recente tendência, o Governo prevê implementar medidas de política que implicam a redução gradual do rácio despesas salariais com o funcionamento da administração em relação ao PIB de 9.1% do PIB registado em 2014 para 8.9% do PIB em 2015 e posteriormente até 7.7% do PIB em 2018. Dbs. 3.084.052.502 000,00 (três biliões, oitenta e quatro mil milhões, cinquenta e dois milhões e quinhentos e dois mil dobras) é o total previsto para 2015. Ronda os 154 milhões de dólares que correspondem a 43.6% do PIB actual do País e um crescimento nominal de 55% face ao orçamento realmente executado em 2014.

Em torno da acção governativa, o Governo prevê alocar, dos 154 milhões de dólares disponíveis para as despesas orçamentais, 29.6% para o reforço da eficiência e da eficácia da Administração Pública com realce para os serviços da acção executiva, legislativa e judicial. Existe, de facto, uma necessidade de se investir na melhoria da qualidade dos serviços administrativo, judiciais e legislativos que são prestados aos cidadãos.

Por seu turno, durante o processo de auscultação das populações, o Governo constatou que grande parte das prioridades identificadas estava relacionada com a necessidade de reabastecimento de energia eléctrica. Neste sentido, o Governo decidiu afectar 13.1% do total do Orçamento à expansão da capacidade de geração e distribuição da energia eléctrica.

O Governo pôde igualmente constatar. Tomando em consideração a sobrelotação das salas de aulas no ensino secundário e as distâncias que os alunos têm de percorrer para chegar aos três liceus do País, o Governo decidiu pela construção de um novo liceu no Distrito de Lobata, entre outras medidas, no sentido de mitigar as carências actuais do sector.

*Aplausos do ADI.*

Com a preocupação de garantir o acesso e a permanência de todas as crianças ao ensino básico, o Governo prevê construir e reabilitar escolas neste nível de ensino e garantir alimentação escolar a todos os seus alunos. Assim, 12,5% do total do Orçamento será destinado a materializar as acções direccionadas à melhoria global do Sistema Nacional de Educação.

Está igualmente inscrito recursos que permitam finalmente implementar o Plano de Carreira Docente e corresponder a uma legítima exigência que se alastra há já bastante tempo.

*Aplausos do ADI.*

Sendo a saúde um bem fundamental a que toda a população deve ter o mesmo direito de acesso, o Governo continuará a construir, reabilitar e equipar as infra-estruturas de saúde, particularmente os postos sanitários comunitários. A par dos esforços para erradicação do paludismo e para garantir que todo o cidadão tenha acesso aos serviços de saúde e assistência médica gratuita...

**Sr. Presidente:** — Sr. Primeiro-Ministro, uma pequena intervenção. É que acabo de ser informado pelos serviços que a nossa sessão não está a ser transmitida pela Rádio Nacional.

Daí que vamos fazer um compasso de espera para saber o que se passa, porque senão as nossas populações não vão participar na discussão orçamental.

*Pausa.*

Acabo de ser informado que já está no ar, portanto, o Sr. Primeiro-Ministro pode continuar com a sua apresentação.

Agradeço os serviços.

**O Sr. Primeiro-Ministro e Chefe do Governo:** — Para a construção e a reabilitação de estradas, como forma de aumentar e as acessibilidades e a circulação de bens e pessoas no interior do País, o Governo decidiu alocar 9.7% do Orçamento para o desenvolvimento da rede rodoviária. Neste sentido, várias obras serão concluídas e iniciadas em 2015, dentre as quais: a Estrada Nacional nº 3, Aeroporto/Praia Gamboa, São Marçal/Gleba, etc., etc., contribuindo igualmente para a criação e a manutenção de postos de emprego.

A agricultura alimentar de subsistência e de exportação desempenha um papel importante na economia em geral, no desenvolvimento rural e na melhoria das condições de vida das famílias mais desfavorecidas, razão bastante para que o Governo afecte directamente a este sector 5.4% do total do Orçamento Geral do Estado. Se essa percentagem pode, por um lado, parecer diminuta, por outro, não corresponde a todo o esforço orçamental que o Governo fará neste Orçamento para o desenvolvimento da nossa agricultura e do meio rural. Na verdade, o desenvolvimento rural e da agricultura não se confinam exclusivamente ao aumento da produção e da produtividade. Tais desideratos só serão possíveis com os investimentos massivos que são feitos no programa do GIME, com os investimentos que serão feitos na expansão da rede eléctrica nacional e nos meios rurais; com pesados investimentos rodoviários de diferentes modalidades dos meios rurais; com acções de formação voltadas para os agricultores e habitantes dos meios rurais; com a melhoria do ensino no meio rural; com a melhor penetração da TVS, da Rádio Nacional e internet nos meios rurais.

Trata-se, com efeito, de investimentos que, não estão directamente inscritos no capítulo da agricultura e desenvolvimento rural, constituem a condição *sine qua non* para a melhoria não só das condições de vida das populações rurais, como também para o desenvolvimento da agricultura e o aumento da produção e da produtividade, com agricultores mais motivados.

A importância que este Governo dá à questão da segurança interna é demonstrada pelo peso de total alocado das despesas orçamentais afectas a este sector. O Governo afectou 4.5% do total do Orçamento à acção governativa da segurança interna e ordem pública. Importa frisar que este montante afectado não corresponde só ao recrutamento de novas polícias, mas também ao investimento nas infra-estruturas policiais e na implementação de políticas de policiamento de proximidade.

É pois notório que a criminalidade tem aumentado grandemente nos últimos anos, sem que se tenha dado a devida importância orçamental aos sectores que lidam directamente com o assunto. Para que se compreenda a realidade que aqui descrevemos, importa dizer que, em 2014, foi afectado a esse sector o total de 14.105.091.857,00 (catorze mil milhões, cento e cinco milhões, noventa e um mil e oitocentos e cinquenta e sete dólares), tendo sido efectivamente executado apenas 42% deste valor.

Para corresponder às nossas expectativas, no que respeita à necessidade de combate à criminalidade, o orçamento para o corrente ano do sector dos Tribunais e do Ministério Público prevê uma dotação de 17.660.000.000,00 (dezasete mil milhões, seiscentos e sessenta milhões), o que representa um crescimento na ordem de 195% em relação ao efectivamente executado em 2014.

Convém notar que os compromissos assumidos em 2013/2014 com a implementação do Estatuto de Carreira Profissional nos sectores da Saúde e da Educação, bem como no domínio do Estatuto de Carreira Militar, que teve a sua extensão para os Paramilitares, em termos de equiparação e encargos remuneratórios e, adicionalmente as promoções feitas recentemente ao nível dos militares fez encargo adicional na massa salarial, que tiveram de ser acomodados na programação do Orçamento Geral do Estado de 2015, dado o carácter certo e permanente desses compromissos e tem criado enormes pressões à massa salarial, face às metas pré estabelecidas, representando hoje de 10,7 % do seu crescimento.

A actual proposta de OGE para o ano 2015 apresenta como uma das principais melhorias a introdução de medidas e políticas de aumento da resiliência macroeconómica, tendo como o ponto de base, sobretudo o aumento do espaço fiscal, para permitir o aumento dos investimentos com recursos internos, em detrimento dos financiamentos com recursos externos. Essas medidas de política pressupõem reformas tendentes ao reforço da mobilização de recursos internos para o investimento, direccionado sobretudo à melhoria do ambiente de negócios que facilitarão o desenvolvimento do sector privado.

Importa aqui frisar que o aumento do espaço fiscal far-se-á não só do lado das receitas como também do lado das despesas, para que uma maior poupança seja alocada aos investimentos públicos financiados com recursos internos e com efeitos multiplicadores na economia, nomeadamente a criação de oportunidades de rendimento, sobretudo a famílias mais desfavorecidas e a promoção do crescimento inclusivo.

Comparado com 2014, em 2015, o Governo pretende aumentar o espaço fiscal de 1.9% do PIB.

Outras das melhorias verificadas no actual Orçamento é a visão do médio prazo que o Governo irá implementar com a aprovação deste Orçamento, que assenta na diminuição cumulativa do défice primário doméstico, em 1.6% do PIB, até 2018.

Com essas medidas, é esperado o aumento da resiliência macroeconómica do País face aos choques externos, ao mesmo tempo que se cria um espaço fiscal para o aumento dos investimentos financiados com recursos internos. Por outro lado, com a melhoria do ambiente de negócios, espera-se como resultado a entrada de investimentos privados estrangeiros com potencial recurso ao financiamento do desenvolvimento não gerador da dívida.

A relevância dos resultados esperados assenta no apoio que as medidas de política constante na proposta de OGE 2015 recebem das instituições multilaterais do desenvolvimento.

A importância de se ter um programa com o FMI é sobretudo a credibilidade que essa instituição multilateral confere às medidas de políticas orçamentais e monetárias do País. Relativamente ao BAD, Banco Mundial e União Europeia, estes apoiarão o País, respectivamente no financiamento das reformas de gestão das finanças públicas, no apoio orçamental necessário à reforma do sector energético e apoio sectorial no sector da Água e Saneamento.

Com o FMI, o novo programa para o triénio 2018 terá a ausência de recursos petrolíferos com final de base para o crescimento inclusivo de redução da pobreza, o que implicará desafios enormes no reforço na mobilização de recursos internos e a dinamização do sector privado com princípio ao alargamento da base tributária, expansão e diversificação da base de exportação, principalmente no sector do Turismo e da Agricultura. A diversificação da base de exportação servirá também os interesses do Governo na sua prossecução do reforço da sustentabilidade da dívida externa. A racionalidade macroeconómica desta medida de política tem por base a criação de condições para o acesso a um leque mais abrangente de financiamento externo, para o desenvolvimento de que o País tanto continuará a precisar, não obstante o esforço que deverá continuar a implementar para gradualmente diminuir essa dependência externa.

Temos de ter sempre em mente que somos um pequeno país com um pequeno mercado que só encontra a sua extensão e viabilidade nos países e mercados vizinhos, com os quais deve manter uma relação de amizade e profunda confiança, condição da nossa própria segurança.

Sr. Presidente, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, os documentos que constituirão objecto das nossas discussões foram há já algum tempo submetidos à apreciação desta Assembleia. Não temos a menor dúvida da dedicação que nos foi consagrada, quer em termos individuais quer colectivos ao nível das diferentes comissões especializadas. Tudo isso dá-nos a garantia de que aqui será privilegiado o essencial, o que é verdadeiramente substantivo, em detrimento do que é acessório e estéril, que em nada contribui para a resolução dos grandes desafios com que o País se confronta. Vivemos num país democrático, onde há espaço para o poder e para oposição, mas é preciso ter em conta que cada um tem a sua missão, não se confundindo o papel e a responsabilidade que a alternância política confere a cada um. No entanto,



temos uma missão comum, a de garantir a todos os instantes a estabilidade política e a defesa dos valores do humanismo, da solidariedade, da ética e da moral.

A nossa situação actual não é uma fatalidade. Ela poderá ser, num curto espaço de tempo, invertida, se formos capazes de transformar o nosso país num destino turístico de excelência e uma verdadeira plataforma de prestação de serviços, o que está absolutamente ao nosso alcance. Para tanto, precisamos de nos abrir ao mundo, sermos sérios e credíveis, reformar profundamente o nosso Estado, criar novos paradigmas, melhorar o clima de negócios e fazer uso mais generalizado e racional das ferramentas informáticas e abandonar definitivamente a zona de conforto em que cada um de nós se encontra.

Excelências, tudo passa: o poder, a oposição, os governos e as pessoas. O que importa é o que fica. Este XVI Governo Constitucional pretende deixar o País organizado, melhor preparado para lhe dar com um mundo globalizado, mais determinado e mais decidido, um país composto por mulheres e homens mais saudáveis, gozando de um bem-estar social mais satisfatório.

Por tudo isso, auguro uma discussão séria, profunda, descomplexada, apaixonada, mas respeitosa das regras da sã convivência democrática.

Viva São Tomé e Príncipe.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**:— Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados, feita a apresentação das GOP e do OGE, convido o Sr. Presidente da 3.<sup>a</sup> Comissão ou o seu representante, para procederem à apresentação do parecer técnico da 3.<sup>a</sup> Comissão Especializada, que resume os pareceres das outras comissões.

Gostaria de saber do Sr. Presidente quem virá fazer essa apresentação.

O Sr. **Vasco Guiva** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, convocaria, neste caso, o Sr. Aérton Crisóstomo, relator do parecer.

*Murmúrios.*

O Sr. **Presidente**:— Mas é o serviço da Mesa, ele está a trabalhar na Mesa.

Vamos avançar. Sr. Deputado Aérton, faça a sua apresentação.

A Sr. **Aérton Crisóstomo** (MLSTP/PSD):— Excelentíssimo Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Ministros, Excelência, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, Excelências: Vou proceder à leitura do parecer da 3.<sup>a</sup> Comissão.

«Parecer sobre as propostas de lei das Grandes Opções do Plano e do Orçamento Geral do Estado para o ano económico 2015.

Introdução.

A 3.<sup>a</sup> Comissão Especializada Permanente, reunida em sessões de trabalho, contou com a presença dos Srs. Deputados Vasco Gonçalves Guiva, que a presidiu, Maria das Neves Batista de Sousa e Aérton do Rosário Crisóstomo, do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, Adilson Managem, Carlos Manuel Cassandra Correia, José Carlos Cabral d'Alva, Ivo da Costa, do Grupo Parlamentar do ADI, e Jorge Dias Correia, do Grupo Parlamentar do PCD.

Em substituição do Sr. Deputado Mário Fernando esteve presente o Sr. Deputado Salcedas Barros, do Grupo Parlamentar do ADI.

Para efeitos de análise e aprovação na generalidade, a 3.<sup>a</sup> Comissão Especializada Permanente procedeu à apreciação das referidas propostas de lei, bem como dos respectivos articulados e mapas anexos, e serviu-se ainda dos pareceres emitidos pela 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> Comissões Especializadas Permanentes da Assembleia Nacional, tendo constatado o seguinte:

Enquadramento legal.

As propostas de lei das Grandes Opções do Plano e do Orçamento Geral do Estado para o ano Económico de 2015 foram apresentadas à Assembleia Nacional, nos termos do disposto na alínea b) do artigo 111.º, conjugado com as alíneas g) e h) do artigo 97.º da Constituição da República Democrática de São Tomé e Príncipe, bem como no artigo 24.º da Lei 3/2007, alterada pela Lei n.º 12/2009 – Sistema de Administração Financeira do Estado (SAFE), e o artigo 205.º do Regimento da Assembleia Nacional, para efeitos de apreciação e aprovação.

As referidas propostas de lei deram entrada no dia 23 de Março de 2015 e foram admitidas por Sua Excelência o Presidente da Assembleia Nacional em 24 de Março do corrente ano, tendo sido, nos termos regimentais, remetida à 3.<sup>a</sup> Comissão – Comissão de Orçamento, Finanças e Administração Pública (COFAP), para apreciação e devido parecer.

Enquadramento macroeconómico das propostas de lei.

Este Orçamento é apresentado num contexto em que o crescimento mundial para o ano de 2015 foi revisto em baixa em 0,3 pontos percentuais, passando de 3,8% previsto em Outubro de 2014 para 3,5%

previsto em Janeiro de 2015. Esta situação deve-se à queda de 55% registada no preço do petróleo desde Setembro de 2014, que contribuirá naturalmente para a queda dos investimentos, sobretudo dos países produtores de petróleo, de acordo com o relatório do FMI de Janeiro de 2015, citado pelo Governo.

No plano interno, a considerável queda do preço do petróleo poderá ter efeitos ambíguos na economia e também nas receitas fiscais de que muito depende o Governo para o funcionamento da sua administração. De notar que existe uma relação directa entre as receitas fiscais derivadas de taxas e sobretaxas aduaneiras sobre os produtos petrolíferos pelo que a queda do preço do petróleo nos mercados internacionais poderá trazer como consequência a queda das receitas derivadas de sobretaxas sobre os produtos petrolíferos. Para 2015, o Governo espera, em conjunto com o sector privado, fomentar o crescimento económico para níveis de 5%, contra os 4% registados em 2014, suportados essencialmente por projectos de investimento com efeitos multiplicadores na economia.

Fruto do esforço contínuo dos sucessivos governos, foram registados progressos consideráveis no sentido da gradual estabilização dos preços traduzidos na redução da taxa de inflação acumulada que em 2014 atingiu a cifra histórica de 6,4%.

Para o ano económico de 2015, o Governo prevê uma taxa de inflação acumulada na ordem dos 5,5%, sustentada pela prossecução de uma política orçamental e monetária mais prudente, coadjuvada com a manutenção do Acordo de Paridade Cambial.

O saldo primário doméstico deverá conhecer um défice de 2,7% do PIB em 2015, uma melhoria de 0,8 pontos percentuais face ao observado em 2014.

O défice primário doméstico será financiado pelo apoio orçamental do Banco Mundial e da União Europeia, pelos recursos provenientes da Conta Nacional de Petróleo e pela provisão de Fundo HIPC.

Em relação às GOP, segundo o Governo, vão de encontro com a preocupação de maior integração e articulação entre a Estratégia de Redução da Pobreza, o Programa do Governo e o Orçamento Geral do Estado, de modo que o orçamento se torne um processo integrante do sistema de planeamento, o que não se consegue descortinar nos documentos apresentados pelo Governo.

Proposta de Lei sobre o Orçamento Geral do Estado.

Em relação à proposta do OGE, o Governo prevê para o ano económico de 2015 uma arrecadação de receitas totais no valor de Dbs. 3.084.502.000.000,00 (três bilhões, oitenta e quatro mil milhões, quinhentos e dois milhões de dobras), contra os Dbs. 2.942.857.000.000,00 (dois bilhões, novecentos e quarenta e dois mil milhões, oitocentos e cinquenta e sete milhões de dobras) registados em 2014, o que representa um aumento de 4,8%.

Relativamente às receitas correntes, o Governo prevê para 2015 arrecadar um montante total na ordem de Dbs. 1.196.435.000.000,00 (um bilhão, cento e noventa e seis mil milhões, quatrocentos e trinta e cinco milhões de dobras), contra os Dbs. 1.076.139.000.000,00 (um bilhão, setenta e seis mil milhões, cento e trinta e nove milhões de dobras) executados no ano de 2014, sustentado por uma maior inclusão fiscal, alargamento da base tributária, consequentemente no aumento do IRS na ordem dos 3,4% e do IRC na ordem do 1,4% para o ano 2015.

No que concerne aos donativos, estima-se arrecadar Dbs. 1.083.733.000.000,00 (um bilhão, oitenta e três mil milhões, setecentos e trinta e três milhões de dobras) o que corresponde a mais 65% em relação ao ano transacto e cerca de 35,1% das receitas totais.

As despesas totais foram fixadas em Dbs. 3.084.502.000.000,00 (três bilhões, oitenta e quatro mil milhões, quinhentos e dois milhões de dobras), o que corresponde a 55,4% da executada em 2014, o que representa cerca de 43,6% do PIB estimado para 2015.

Por outro lado, as despesas correntes foram fixadas em Dbs. 1.346.223.000.000,00 (um bilhão, trezentos e quarenta e seis mil milhões, duzentos e vinte e três milhões de dobras) correspondendo a um crescimento nominal de 17% relativamente ao registado em 2014, representando cerca de 19% do PIB e 43,6% das despesas totais.

As despesas com o pessoal estão fixadas em Dbs. 630.812.000.000 (seiscentos e trinta mil milhões, oitocentos e doze milhões de dobras), o que representa um crescimento nominal de 10,8% em relação ao executado no ano transacto. Importa sublinhar que esta rubrica ocupa um grande peso no total das despesas, representando cerca de 8,9% de toda a riqueza produzida no País; 46,9% do total das despesas correntes e 52,7% do total das receitas correntes estimadas para o presente exercício económico. Esta situação decorre, dentre outras, da implementação do novo estatuto da carreira do pessoal da Saúde, Educação e das Forças Militares e Paramilitares.

Principais constatações feitas pela 1.ª, 2.ª, 4.ª e 5.ª Comissões Especializadas Permanentes.

A 1.ª Comissão considera que as propostas de lei apresentadas cumprem os requisitos legais em vigor. No entanto, sublinha que o disposto no artigo 25.º da Lei SAFE, bem como o previsto no n.º 4 do artigo 205.º do Regimento da Assembleia Nacional não foram cumpridos, atendendo que o XVI Governo Constitucional iniciou as suas funções no dia 29 de Novembro de 2014;

Face aos novos desafios que a globalização impõe às pequenas nações, a 2.ª Comissão constatou com agrado a preocupação do Governo em dotar o sector da Defesa e do Mar de maior dinâmica administrativa e institucional, com vista a diminuir o impacto negativo deste desafio.

De igual modo, a Comissão verificou com satisfação que, no que toca ao sector das Relações Exteriores e Comunidades, está reflectida a previsão de recursos com vista à efectiva implementação das correspondentes medidas e políticas constantes nas GOP.

A 4.<sup>a</sup> Comissão considera que o Governo dá um grande enfoque no aumento e melhoria da produção e fornecimento de energia eléctrica, bem como a captação e distribuição de água. Destaca ainda, no domínio das Infra-estruturas, a expansão e modernização do sector de Transportes Terrestres com destaque para a construção de troços de estradas, pontes e pistas rurais devidamente identificadas, nos diferentes distritos do País e na Região Autónoma do Príncipe, destacando ainda a determinação do Governo em prosseguir com o processo de edificação do porto em águas profundas. Outrossim, no sector portuário, o Governo pretende modernizar e operacionalizar o Porto de Ana Chaves, dotando-lhe de equipamentos operacionais e de segurança à altura das necessidades.

De igual modo, a 4.<sup>a</sup> Comissão constatou com agrado a opção do Governo em apostar no desenvolvimento das associações e cooperativas agro-pecuárias com incentivos à respectiva criação, bem como o esforço do Governo no reforço das capacidades institucionais do sector agrícola e valorização e comercialização de produtos agro-pecuários, sobretudo no aspecto de armazenagem e conservação dos mesmos.

A 5.<sup>a</sup> Comissão questiona sobre a alocação de uma verba no valor de Dbs. 6.860.136.181,00 (seis mil milhões, oitocentos e sessenta milhões, cento e trinta e seis mil, cento e oitenta e uma dobras) a favor da INFARMA Cabo Verde, pelo que se solicita o devido esclarecimento por parte do Governo.

Constatou ainda que houve um aumento de 6% das dotações orçamentais na área social, face ao ano económico 2014, o que considera irrisório, pois entende que se deveria dar mais atenção aos seguintes aspectos:

A conclusão do projecto pro-formação, um projecto destinado à formação de professores;

O aumento de verba para funcionamento das instituições sanitárias ao nível do Hospital Dr. Ayres Menezes e nas áreas de saúde distritais;

A inclusão de verba para informatização do sistema para aquisição, gestão financeira, aprovisionamento e gestão do *stock* de medicamentos;

A inclusão de verbas para o Programa de Luta contra Doenças não Transmissíveis;

A implementação das taxas moderadoras na Saúde, de modo a permitir a comparticipação dos utentes no Sistema Nacional de Saúde;

A hipótese de construção de raiz de um novo bloco operatório, num futuro próximo.

Conclusão.

Não obstante se tenha verificado um esforço da parte do Governo em melhorar a qualidade desses instrumentos de governação, vislumbra-se a apresentação de uma linha de orientação estratégica baseada em metas, indicadores macroeconómicos e políticas públicas mais concretas, capazes de mais rapidamente alavancar a economia. Aponta-se neste contexto em particular a apresentação clara dos mecanismos de política fiscal e monetária, os indicadores de emprego e as políticas de reorganização do sistema comercial e de incentivos à atracção de investimento directo estrangeiro.

A ausência de níveis de poupanças internas capazes de suprir a falta de recursos próprios faz com que o Governo seja mais e mais obrigado a recorrer a empréstimos externos para a execução de despesas de investimento público. Os montantes contraídos para o efeito só são legíveis na moldura jurídica são-tomense, sob condições de concessionalidade compatíveis com a capacidade de endividamento do País.

De igual modo, a 3.<sup>a</sup> Comissão conclui que existe um certo desfasamento e lacunas entre as GOP e o OGE, na medida em que existem acções contempladas nas GOP sem o devido enquadramento orçamental e vice-versa.

Recomendação.

Assim, face ao exposto e nos termos regimentais, a COFAP recomenda que as propostas das Grandes Opções do Plano e do Orçamento Geral do Estado para o ano económico de 2015 sejam submetidas ao Plenário, nos termos dos artigos 209.<sup>o</sup> e 210.<sup>o</sup> do Regimento da Assembleia Nacional, para discussão e votação na generalidade.

Eis o teor do parecer da 3.<sup>a</sup> Comissão.

O Presidente, Vasco Gonçalves Guiva, o relator, Aérton do Rosário Crisóstomo».

O Sr. **Presidente**: — Feita a apresentação pelo Governo e também após a leitura do parecer da 3.<sup>a</sup> Comissão, vamos iniciar o período de inscrições para o debate e gostaria que se inscrevessem, para fazermos um trabalho profícuo.

Também gostaria de exortar as Sras. e os Srs. Deputados para que sejam mais participativos aos longos desses dias de debates, de modo a melhorarmos esses dois instrumentos essenciais para a boa governação de São Tomé e Príncipe e, desta feita, para a vida da Nação.

Para melhor organização dos debates, sugiro que as Sras. e os Srs. Deputados se inscrevam para as cinco primeiras perguntas e, de seguida, passaria a palavra ao Governo ou a quem o Sr. Primeiro-Ministro delegar para responder. Portanto, são sugestões que coloco e gostaria de saber a reacção pelo menos dos

Líderes dos Grupos Parlamentares, se podemos avançar assim. Se estiverem de acordo, então iremos avançar neste sentido, apenas para organizar o nosso debate.

Portanto, as Sras. e os Srs. Deputados colocam as primeiras cinco perguntas e depois o Governo responde, assim até o final do tempo disponível para a discussão.

Sras. e Srs. Deputados, podemos avançar assim?

O silêncio significa que estão de acordo. Então, coloca-se as cinco primeiras perguntas, o Deputado que quiser intervir ou grupo de Deputados podem fazer cinco perguntas em primeira mão, depois damos a palavra ao Governo. Vamos avançar.

Não vou alongar muito mais, como eu dizia, está aberta as inscrições para os Srs. Deputados que quiserem intervir. Estamos na discussão na generalidade, portanto, os Srs. Deputados têm a liberdade de poder intervir em qualquer das áreas dessa discussão.

São dois documentos, mas poderão fazer a intervenção em função das questões que quiserem levantar.

*Pausa.*

Sras. e Srs. Deputados, como é que interpreto o silêncio? Não haverá perguntas, não haverá preocupações adicionais? Acho que alguém tem que quebrar esse silêncio.

Partindo do princípio de que estamos a discutir e debater as questões que têm a ver com a vida da Nação, gostaria de saber como é que posso interpretar este silêncio. Os Srs. Líderes Parlamentares quererão pronunciar-se? Sr. Líder do PCD, não pediu a palavra, mas estou a perguntar se quer pronunciar-se sobre os documentos.

*O Sr. Líder Parlamentar do PCD (Danilson Cotú) negou, acenando com a cabeça.*

Não.

O MLSTP/PSD também não?

Tem a palavra a Sra. Deputada Maria das Neves.

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sra. e Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados, gostaria de saudar a todos.

Sr. Primeiro-Ministro, quero confessar que hesitei bastante se deveria fazer uso de palavra nesta sessão, porque fiquei com a impressão de que o Sr. Primeiro-Ministro iniciou a sua intervenção com duas pedras na mão.

Disse claramente aqui que este Orçamento vai ser executado em apenas 7 meses e que não vale a pena esforços externos, nem perda de tempo, na procura de argumentos para isso. Eu julgo que isso é um convite para que de facto a gente não perca tempo, que a gente não discuta o Orçamento, mas como representante de povo que somos, julgamos que o povo também quer conhecer o nosso contributo em relação a este Orçamento. É por isso que faço o uso de palavra.

O Sr. Primeiro-Ministro apresenta no seu Orçamento uma composição de investimentos, em que o investimento externo representa 91,8% do total de investimentos, e apenas 8,1% serão financiados com recurso interno. Num contexto em que, como reconhece o Sr. Primeiro-Ministro, o Orçamento vai ser aprovado em quase 5 meses, o Governo terá apenas 7 meses para o executar e a minha pergunta é: como é que o Governo tenciona mobilizar os 91,8% de recursos para financiar o seu Orçamento, tendo em conta que a nossa economia é altamente dependente do exterior e o Orçamento está a ser aprovado num contexto em que os nossos parceiros tradicionais já aprovaram o seu orçamento desde o ano transacto, o que significa dizer que não incluíram nos seus respectivos orçamentos as necessidades de financiamento para São Tomé e Príncipe? Repito, como é que o Sr. Primeiro-Ministro pretende mobilizar os 91,8% de recursos para financiar o seu Orçamento neste contexto?

A segunda questão, Sr. Primeiro-Ministro, é que o Governo continua a acreditar que é possível garantir um crescimento económico de 5% para este ano. É o próprio Governo que diz que só tem 7 meses para executar o seu Orçamento. Acha que é exequível? Será que o Governo vai atingir o crescimento de 5% em apenas 7 meses?

O Governo pretende mobilizar recursos internos, através do alargamento da base tributária, e uma política de inclusão fiscal. Uma política de inclusão fiscal significa dizer que as pessoas têm que começar a pagar os impostos e tem-se que estender o pagamento de impostos a outras franjas que tradicionalmente não são habituadas a pagar os impostos. Estamos a alargar a base tributária e a minha pergunta é a que franja está a referir. Se estamos a abranger o sector informal, que franja do sector informal? Quem são os que vão ter que pagar os impostos? Os vendedores de ruas? As palaiês? Os pescadores? Os agricultores? Os cambistas? Quem são esses que vão engrossar este alargamento da base tributária.

O Governo considera que esses mecanismos de arrecadação de receitas poderão ajudar a contribuir para executar o seu Orçamento. O Sr. Primeiro-Ministro, a questão de alargamento da base tributária e uma política fiscal mais inclusiva não se resolve com decretos. É algo que paulatinamente se vai fazendo, aliás é

algo que os sucessivos governos têm vindo a fazer, mas que os esforços não têm sido também consideráveis.

O Governo considera que através desta política conseguirá mobilizar recursos suficientes para financiar o seu Orçamento?

O Sr. Primeiro-Ministro fala da massa salarial e diz que a massa salarial representa 51% das receitas correntes. Isto é uma cifra que deve preocupar a todos. O que significa dizer que o Governo só está a arrecadar receitas para pagar salários. Num país como nosso, isso é preocupante. O Sr. Primeiro-Ministro diz que vai adoptar uma política de redução gradual desta percentagem ao nível da Administração Pública. E a minha pergunta é: que política, Sr. Primeiro-Ministro? Será que vai reduzir o número de pessoais na administração central do Estado? Será que tem outros mecanismos para o fazer? Confesso que gostaria de saber que medida irá adoptar para reduzir gradualmente esta situação que todos reconhecemos que não é normal numa economia.

O Governo fala da expansão da massa monetária, aliás, antes de falar da expansão da massa monetária, o Governo reconhece que, fruto de trabalho de sucessivos governos, chegou-se a atingir uma taxa de inflação de um dígito, 6%. Julgo que é uma cifra histórica. Nunca antes se tinha chegado a este nível de inflação. Registo com agrado que o Governo pretende continuar a fazer esse esforço, na perspectiva de reduzir ainda mais essa taxa de inflação e propõe, para 2015, atingirmos os níveis de 5,5% contra os 6,9% registados no ano transacto. Mas o Governo fala de várias políticas, entre as quais a expansão da massa monetária, como forma de reduzir as taxas de juro para garantir maior crédito à economia. Sr. Primeiro-Ministro, isto não tem riscos? Podemos dizer que não existe uma cultura de reembolsos. Os bancos não concedem créditos, porque têm dificuldades em recuperar os seus créditos. Não será que essa medida proposta pelo Governo vai comportar grandes riscos, até mesmo afectar o nível de taxa de inflação já conseguidos? Não seria necessário ver-se também a própria política de intermediação financeira, a questão da reforma da Justiça, para que os bancos tenham de facto uma margem de manobra, de forma que, se alguém não paga o crédito, através da Justiça, se consiga recuperar o crédito? Neste momento, não se consegue. Reconhecemos que nenhuma economia cresce se não houver investimento, se não houver crédito. É necessário conceder-se crédito à economia. Como é que se concede crédito à economia perante esse contexto? Através da expansão da massa monetária? Volto a perguntar se não terá os seus riscos.

Sr. Primeiro-Ministro, foi criada uma grande expectativa sobre a questão da venda do arroz a 13 000 dobras e significa dizer que o preço do arroz é fixo, num contexto em que sabemos que a quantidade importada ou a quantidade oferecida pelo Japão não é suficiente para abastecer o mercado local. O que pergunto é: será que o Governo pretende subvencionar o preço do arroz, para que seja vendido sempre a 13 000 dobras? Acho que é uma justa medida, o Governo assumiu, deve continuar. Se sim, qual será a fonte de financiamento dessa subvenção? É uma pergunta para esclarecimento, porque não vejo isso no Orçamento.

Por último, julgo que é a intenção do seu Governo, aliás está escrito, falou muito, até li no seu livro publicado recentemente, que o senhor tenciona transformar São Tomé e Príncipe em Dubai. Para nós seria motivo de grande orgulho, tendo em conta que ter São Tomé e Príncipe como Dubai acabaríamos com o problema da pobreza, acabaríamos com muitos problemas e teríamos um país do sonho de todos são-tomenses. Mas também tenho a plena consciência, Sr. Primeiro-Ministro, que Dubai não se constrói com um orçamento, não se constrói num dia, não se constrói num ano, não se constrói mesmo em 5 anos, mas para que se comece a construir Dubai é necessário começar a lançar as pedras.

#### *Murmúrios dos Srs. Deputados do ADI.*

Srs. Deputados, terão a oportunidade de falar. Julgo que aqui todos temos os mesmos direitos de fazer o uso da palavra.

Portanto, não se constrói em 1 ano, como eu dizia, mas é necessário que se comece a lançar as bases, porque se tem que começar a erguer as pedras para que se possa atingir a meta. Julgo que o senhor fixou uma meta, mas o que pergunto é se este Orçamento que nos é apresentado já começa a trazer essas bases. Não vejo, por isso estou a fazer perguntas.

Quando comparo as receitas globais que o Governo pretende arrecadar em relação às dos sucessivos governos, as diferenças não são grandes. O Sr. Primeiro-Ministro acabou de dizer aqui que não vale a pena estar-se a inflacionar os orçamentos, sem a possibilidade depois de mobilizar recursos para garantir a sua execução; que é preferível ter-se pequenos orçamentos que sejam exequíveis, de modo que o Governo possa realizar.

Quando vejo a cifra que o Primeiro-Ministro apresentou aqui do total de investimento, só se conseguiu arrecadar 37%, de facto a capacidade de execução tem sido muito baixa. Portanto, o que pergunto é: como é que o Governo pretende ir, paulatinamente, construindo esse Dubai, se o Sr. Primeiro-Ministro é de opinião que se tem que reduzir o nível de investimento em função da própria realidade do País, e num contexto de crise económica e financeira, em que os nossos parceiros também estão a braços com os recursos para financiarem as suas economias?

*Aplausos do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Felisberto Afonso.

O Sr. **Felisberto Afonso** (UDD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sras. e Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados, bom dia.

Sr. Primeiro-Ministro, gostaria de dizer-lhe que São Tomé não é grande, mas também não é muito pequeno. O País tem 1001 Km<sup>2</sup> e o que nos dividiu é o mar, o Príncipe com 142 Km<sup>2</sup> e São Tomé com 859 Km<sup>2</sup>. Estamos no meio do mar, já é uma riqueza e ao seguir para o interior do País, temos todo tipo de matéria-prima e todas as qualidades de árvores, a árvores de frutos e também em todo o espaço do país temos água. E as folhas que são verdes, a maior parte serve para a nossa alimentação, serve também para o nosso medicamento tradicional e também as folhas que não servem para a nossa alimentação, servem para darmos aos nossos animais. Isto significa que nada se perde.

O que gostaria de perguntar ao Sr. Primeiro-Ministro é: já tendo o seu Governo 4 meses, como é que continua numa guerra fria, o País continua doente e ao mesmo tempo com o aperto do cinto, que já está no último furo?

Gostaria de dizer ao Sr. Primeiro-Ministro que temos que ter pensamento de gente humana. Em 1975, tínhamos uma outra política e tivemos a ver o objectivo. De 1990 para cá, cada vez estamos a destruir o nosso país e destruir o nosso povo totalmente. Os políticos não se entendem, não sei qual é o interesse que está cá.

O seu Governo ganhou com maioria absoluta, fiquei satisfeito, mas para o senhor seguir com o seu Governo para frente, o senhor não pode ter política de ambição pelo poder e não pode dar passos largos sem chegar ao momento. O senhor é o Primeiro-Ministro de todos os são-tomenses, é o Primeiro-Ministro de todos os partidos políticos.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, peço desculpas por ter que interferir, mas é apenas para lembrar que estamos a discutir o Orçamento Geral do Estado.

O Sr. **Felisberto Afonso** (UDD): — Sim, vou chegar lá.

O Sr. **Presidente**: — Gostaria que se cingisse ao tema da discussão.

O Sr. **Felisberto Afonso** (UDD): — Sim, vou chegar lá. O senhor é Primeiro-Ministro de todos partidos e de todos os são-tomenses. E além disso, para levarmos o nosso país ao cabo, tem de haver consensos e teremos que ter certeza daquilo que estamos a fazer.

Gostaria de dizer ao Sr. Primeiro-Ministro que, no início do seu Governo, o senhor começou um bocadinho mal. Na Administração Pública, o senhor reduziu todas as pessoas que não são suas gentes.

**Uma voz**: — Fala do Orçamento.

O Sr. **Felisberto Afonso** (UDD): — Orçamento! Pronto, os senhores não querem que eu fale...

Murmúrios.

O Sr. **Felisberto Afonso** (UDD): — Bem, os senhores vêm aqui para falarem.

Na Administração Pública, o senhor reduziu toda gente que não é do seu Governo. Como é que poderemos ter um São Tomé e Príncipe melhor?

Bem, vou falar agora da agricultura, a nossa economia que estamos a esquecer. Estamos a ir procurar a política de petróleo e estamos a deixar a nossa economia, que é a agricultura e a pesca, para trás. Se o seu Governo não verificar bem na agricultura, pesca e pecuária, o senhor pode contar que não haverá solução para o seu Governo.

Hoje a economia está baixa, precisa-se expandir a agricultura para todo mundo rural. Estamos com uma situação péssima, entre esses anos 2014 e 2015, posso dizer ao Sr. Primeiro-Ministro que não temos agricultura. Eu quero que o seu Governo dê uma mão à agricultura, porque não estamos em condições.

O senhor viu que o nosso país hoje não tem poder de compra, porque 70% das pessoas estão desempregadas. Só 30% é que está a trabalhar e esses não conseguem resolver o problema dos 70%. No Orçamento do Governo, fala-se em economia, fala-se em orçamento gerador de trabalho. Eu tenho a firme certeza de que, se agarramos a agricultura, a pesca e a pecuária, muitos empregos poderão aparecer. É o que dá emprego a todas as qualidades de instituições.

Sr. Primeiro-Ministro, fico por aqui, mais tarde poderei dar ainda as minhas contribuições.

*Aplausos.*

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, é apenas para informar que o Sr. Deputado excedeu 2 minutos do seu tempo. A Mesa foi complacente e deixamos-lhe falar.

O Partido PCD tem 17 minutos, o ADI tem 112 minutos, o Governo 112 minutos, o MLSTP/PSD tem 54 minutos e o UDD tinha 5 minutos. Para o MLSTP/PSD, restam 40 minutos, tendo em conta que a intervenção da Sra. Deputada Maria das Neves levou 10 minutos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Danilson Cotú.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sra. e Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados, bom dia.

Sr. Presidente, venho intervir, na expectativa de que a minha intervenção, em nome do meu Grupo Parlamentar, não seja considerada uma intervenção estéril e assessória, mas sim uma intervenção de um são-tomense que teve a legitimação para estar aqui em nome deste povo.

Neste sentido, Sr. Presidente, permita-me falar deste Orçamento, mas vou procurar ser muito breve, espero conseguir.

Sr. Presidente, com alguma atenção, percebemos que o Sr. Primeiro-Ministro, na sua intervenção, apresentou o balanço de execução do OGE de 2014, mencionando assim o governo anterior. Deixa-me dizer-lhe, Sr. Primeiro-Ministro, que o senhor também corre o mesmo risco. Porquê? O orçamento do governo anterior, para o ano de 2014, teve qualquer coisa como 6, 7 meses, foi uma execução até Outubro. Daí essas cifras poderem vir a coincidir também com este OGE, tendo em conta que o senhor também terá qualquer coisa como 7 meses para executar. Logo, as cifras poderão não ser tão satisfatórias como se pretende dizer.

Sr. Primeiro-Ministro, outro aspecto importante que não só me preocupa, mas também o povo que está lá fora, seguinte os nossos trabalhos, é que, com alguma tristeza, registei de um determinado deputado desta Casa Parlamentar a seguinte citação: «... sem ainda o orçamento aprovado...», fazendo menção a uma série de obras que o Governo chamou para si o protagonismo pela sua realização. Preocupante! Não sendo acessório, gostaria de chamar atenção para a necessidade de respeito à Lei sobre o SAFE. Das duas, uma: ou o Governo terá que admitir aqui que, ao avançar com determinadas obras, deu sequência às obras que vinham já em execução pelo XV Governo, ou admitir que desrespeitou de forma flagrante a Lei sobre o SAFE. Porquê? Porque seguimos, pela comunicação social, uma série de inaugurações de obras, mas os artigos 26.º e 29.º da Lei sobre o SAFE não deixam margem para tais acções.

É importante que fique claro que o PCD não tem nada contra as obras. Que se faça estradas, que se inaugure vias, chafarizes, que se faça o que se quiser, desde que em respeito às leis da República Democrática de São Tomé e Príncipe.

Poderia elencar uma série de acções que, no meu entender, e de forma judiciosa da parte do seu Governo, foi dar sequência, mas vou centrar-me em alguns aspectos pontuais. Por exemplo, a questão dos táxis; o elevador do Hospital Ayres de Menezes, já está pago; electrificação de algumas localidades, nomeadamente Canavial, vi recentemente uma inauguração em que o senhor foi chamado de Deus, parabéns por isso.

Meus caros, há uma série de acções e no sentido da continuidade do Estado, é bom que se diga, tem-se que se dar sequência. Espero que daqui a 4 anos o Governo que vier dê sequência às boas acções que o seu Governo irá implementar. Isso é bom para São Tomé e Príncipe. Não podemos ter um país em que existem interrupções de acções a bel-prazer de cada governo. Existem acções de fundo que devem continuar.

Sr. Presidente, o PCD tem uma preocupação. Ouvimos o Sr. Primeiro-Ministro citar que o sector privado ainda não tem condições, e é verdade. O sector privado carece de uma atenção especial. Uma preocupação que se nos coloca é: se o sector privado ainda não tem condições criadas para proporcionar empregos, como podemos fazer o aumento da base tributária?

Honestamente, não estou a ver aquele cidadão que tem um quiosque à frente da sua casa a pagar impostos! Se conseguirem, virei aqui, prometo, para reconhecer e aplaudir esta atitude, Sr. Primeiro-Ministro.

Outro aspecto não menos importante tem a ver com a questão de atribuição de nacionalidade aos cidadãos da CPLP que estiveram no País na altura da nossa independência. É uma decisão popular tomada aquando da realização do «Diálogo Nacional», já vinha sendo trabalhada pelo governo anterior e que o seu Governo deu sequência e está de parabéns por isso.

Gostaríamos de pedir ao Governo que tenha em atenção o facto de inúmeros são-tomenses que não têm condições financeiras para fazerem o seu Bilhete de Identidade, que se encontrasse uma forma de promover também algum tipo de acção para esses nossos concidadãos, para que possam também ter o seu bilhete, sentirem-se mais são-tomenses e com uma vantagem, para que no momento eleitoral possamos ter um processo de recenseamento mais fiel, pois sairemos todos a ganhar.

Sr. Primeiro-Ministro, tive o privilégio de, em algum momento, ser membro do XV Governo e com alguma estranheza percebi que ao nível do desporto não se atentou à necessidade da promoção do desporto inclusivo, ou seja, neste Orçamento, o Comité Paralímpico foi esquecido. Honestamente, isto me preocupou, por isso gostaria de chamar atenção e alertar o Governo para este facto. Não quero mencionar

o Comité Olímpico, que também ficou de fora em termos de apoio institucional. No âmbito da juventude, por exemplo, colocou-se a questão aqui nesta Assembleia, o Conselho Nacional da Juventude (CNJ) teve o apoio institucional no ano passado, alguns deputados disseram que era pouco e para este OGE, zero.

Meus caros, prefiro gerir o pouco tempo que tenho, mas não posso sair daqui, Sr. Primeiro-Ministro, sem deixar duas outras preocupações não menos importantes.

Pela comunicação social seguimos a informação da saída da Terminal Link. Segundo aquilo que lemos, optaram por um outro país e isto poderia colocar, caso for verdade, em cheque a questão do porto em águas profundas. Gostaríamos de ouvir de si e do seu Governo, primeiro, se essa notícia é verdadeira, segundo, se for verdadeira, qual seria a alternativa.

Outro aspecto importantíssimo que vem na sequência da continuidade do Estado, ouvi aqui a aposta do Governo na construção do novo liceu. Realmente as turmas são enormes em São Tomé e Príncipe e sabemos que isto, de alguma forma, estrangula o próprio processo de ensino e aprendizagem. Daí que fazer um liceu sempre esteve na preocupação de vários governos e os senhores, com certeza, estarão a lembrar-se que, aquando da visita do Presidente de Taiwan, havia sido prometido ao Governo são-tomense a construção de um liceu e um hospital. Quando prestei atenção ao Orçamento, fiquei com a sensação de que esse liceu é a sequência daquela promessa feita pelo Presidente da República da China – Taiwan, e como resultado de expedientes que foram feitos pelos membros do governo de então, que tinham a tutela em relação a isso. Daí que novo não é, mas sim continuidade do Estado.

Não vou alongar-me mais, mas tenho em mãos os Orçamentos de 2014 e 2015, Sr. Primeiro-Ministro, poucas diferenças se nota. Gostaria até de dizer que o Orçamento de 2014 também foi um orçamento do cidadão. Orçamento do cidadão, para o cidadão, sem entretanto as viagens às localidades, tendo em conta que, por causa da nossa pequenez demográfica, nós, os são-tomenses, sabemos onde estão os problemas, conversamos diariamente com as pessoas e, se olharem bem esses dois orçamentos, pouca diferença faz.

Por sermos pelo povo, tomamos nota e pouco temos mais a acrescentar, a não ser que, como Deputados, iremos exercer a nossa acção fiscalizadora.

Obrigado por esses minutinhos.

*Aplausos do PCD.*

O Sr. **Presidente**: — O PCD ainda tem 4 minutos.

Tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d' Oliveira.

O Sr. **Abnildo d' Oliveira** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Sra. e Srs. Ministros, Caras e Caros Deputados, bom dia.

Também hesitei em tomar a palavra neste acto, mas depois reflecti. Acho que a minha presença aqui faz sentido, se eu de facto tomar a palavra e também representar o povo que me elegeu.

Sr. Primeiro-Ministro e Caros Srs. Deputados, gostaria de dizer que no decurso do nosso debate, vamos denotar algumas situações que não serão novas, serão intervenções recorrentes de que os outros não sabem nada, é a continuidade do Estado, etc., etc.

E sobre este Orçamento que todos temos em mãos, quero dizer ao Sr. Primeiro-Ministro, em primeiro lugar, os meus parabéns, por ter-nos apresentado um trabalho como este. De facto, há grandes diferenças entre os dois documentos. Também tive ocasião e tempo suficiente para ler o documento, ou seja, o orçamento do governo anterior, relativamente ao ano económico de 2014. Nota-se grandes diferenças. Este Orçamento chamado de orçamento do cidadão, de facto é porque teve em conta a participação dos cidadãos, que em vários assuntos ou temáticas identificadas anotaram as necessidades e dentre elas escolheram as prioridades. Este Orçamento vem no sentido de transcrever as prioridades das prioridades apontadas pela população, desde já a questão da energia. É verdade que, e aqui abro parênteses, li o seu livro, Sr. Primeiro-Ministro, também sou um grande leitor, de facto é nas pequenas coisas que se conhece um grande homem. O Dubai está a ser iniciado, estamos a lançar os alicerces...

*Risos do MLSTP/PSD e do PCD.*

...sou de Mé-Zóchi, falo com conhecimento de causa. Há uma estrada que foi lançada desde 2002-2003, a estrada de S. Fenícia/Folha Fede. Agora, Sr. Primeiro-Ministro, os meus parabéns!

*Aplausos do ADI.*

Isto é Dubai, muito obrigado! Repito, é Dubai, pequenos alicerces, infra-estruturas viárias, rodoviárias, etc., a retoma do GIME. Hoje fomos resgatar muitas famílias, sobretudo as senhoras que hoje beneficiam. Desculpem a redundância, caras e caros Deputados, uma vez mais, é nas pequenas coisas que se conhece um grande homem. O Governo está de parabéns!

Quero também dizer, Sr. Primeiro-Ministro, que este Orçamento vai ao encontro das expectativas da população. Um outro aspecto a assinalar, não estamos na especialidade, mas posso situar e tem a ver com



o sector económico. Estamos a falar sobretudo das infra-estruturas e de um Orçamento com a visão de levar a água potável para a maior parte dos cidadãos são-tomenses, posso correr o risco mesmo de dizer para todos os são-tomenses. Isto é digno de louvor, Sr. Primeiro-Ministro, os meus parabéns. Esta no projecto e no anexo que nos foi apresentado pelo Governo.

A questão da juventude, Sr. Primeiro-Ministro, de uma forma particular, mas também, Sr. Ministro da Juventude, os meus parabéns! A questão da juventude é transversal. Quando vejo nos anexos a proposta de construção de algumas infra-estruturas que vão permitir a questão da ocupação de tempos livres dos jovens, do lazer, etc., estamos a pensar na juventude...

*Murmúrios.*

... aqueles que leram os documentos sabem que está lá, quando chegarmos à especialidade terei o prazer de mostrar.

Quando vemos também, a intenção do Governo em proporcional apoio às instituições, ou organizações sem fins lucrativos, creio que o Conselho Nacional da Juventude (CNJ) também está incluído.

Portanto, Sr. Primeiro-Ministro, às vezes falo com certo sorriso, não é para minimizar a intervenção, mas em algum momento até dá graça algumas situações. Por isso, a intenção de minimizar esses dois instrumentos é, no meu entender, tudo no mesmo, mas não iremos por este caminho. O povo são-tomense de facto não quer que percamos tempo, e eu aqui subscrevo na intriga, Sr. Primeiro-Ministro, o seu discurso. De facto precisamos de ganhar tempo.

Fico por aqui, por enquanto.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**:— Gostaria de saber se há mais intervenientes.

Sr. Primeiro-Ministro, queria saber se querera fazer alguma intervenção ou responder a algumas perguntas que foram cá colocadas.

Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**:— Sr. Presidente, a Sra. Deputada Maria das Neves colocou uma série de perguntas, e é normal que exista algumas dúvidas sobre aquilo que é o maior problema no nosso país, que é a capacidade de execução. Espero que isso não queira traduzir a esperança de que o Governo não consiga executar. De facto, se conseguirmos aumentar a nossa capacidade de execução, sairemos todos a ganhar. Quem é mais ou menos capaz de executar? Dessa vez somos nós, o Governo do ADI, que vamos ter que demonstrar a nossa capacidade de execução. Mas temos algumas provas dadas no passado. Em 2012, no âmbito do Fundo Europeu para o Desenvolvimento (FED), São Tomé e Príncipe teve um bónus de 20% obtido pelo FED e isto foi na base da boa gestão e da execução a 100% do Ministério das Infra-Estruturas. Então, sim senhor, temos que estar preocupados com a execução mesmo em 7 meses, mas o Governo tem algum à vontade para pensar que irá executar o máximo possível. 91% do financiamento externo a nível de Programa de Investimentos Públicos (PIP), tem sido prática. Já lá vão anos que o País sempre tem mais ou menos 90% de contribuição externa para execução do seu PIP. Quero dizer que tudo a 100% não está garantido. Temos algumas preocupações na ordem talvez dos 2%, mas garantido ou desembolsado é uma outra questão. Cada doador tem os seus mecanismos, o que está anunciado pode ter dificuldade de ser desembolsado, as fichas projectos, etc. etc.

Por conseguinte, este Orçamento, no que diz respeito ao PIP, anunciado, falado, garantido, ainda precisamos de confirmar algumas coisas na ordem de 2%. A questão é a realização. Esta é a verdadeira questão.

A senhora falou da questão do fisco. De facto, em 2014, o Governo lançou a inclusão fiscal e há um texto que diz que essa inclusão fiscal irá tocar os horticultores, os vendedores, etc. No governo anterior.

Quero dizer que estamos de acordo que temos que aumentar a base fiscal, mas não é preciso inquietar as palaiês, os pescadores e os horticultores. O que preocupa mais o Governo é uma dívida fiscal, hoje de 333 mil milhões. Seria bom se conseguisse recuperar um pouco deste dinheiro. Já seria um bom começo para este ano.

*Aplausos do ADI.*

É verdade que estamos todos preocupados com o crescimento da massa salarial e acreditamos que vai demorar algum tempo para que, paulatinamente, se possa reduzir o peso da massa salarial, ao nível das despesas. Os empresários do nosso país têm imensas dificuldades. Não sei como podemos apoiar os empresários, se não tocarmos na política de crédito. Como é que vamos apoiar os empresários? Estamos de acordo, sobretudo ao nível da justiça, mas outras acções com a sociedade civil, com a Câmara de Comércio, etc. Encontramos soluções para poder recapitalizar o empresariado nacional.

Quanto ao arroz de 13 000 dobras, sempre dissemos que é o arroz do Japão. Não está previsto subvencionar o arroz, mas estão em curso esforços importantes para continuarmos a abastecer o mercado com arroz a preço acessível. E como sabe, uma das grandes dificuldades ao nível do custo de vida e dos preços dos produtos importados tem também a ver com a eficiência do Porto de Ana Chaves. Estamos a trabalhar e está no Orçamento medidas para que o Porto de Ana Chaves se torne mais eficiente para que possa contribuir para baixar o custo das importações.

Penso que o nosso desafio é a nossa capacidade de execução. Esse é o desafio e todos devemos trabalhar neste sentido.

Temos que perceber que o nosso Dubai é possível. É normal que a oposição faça o seu trabalho, mas espero que todos nós, poder e oposição, daqui há 4 anos, possamos estar melhor, mais perto do Dubai, da Singapura ou melhor. Acreditamos que é possível.

#### *Aplausos do ADI.*

Se eu falei de 2014, foi por uma obrigação legal. Como em 2016 falaremos de 2015, como foi dito. Para que todos possamos tocar naquilo que é a realidade do País. Voltamos a tocar na questão, somos muito bons na realização das despesas correntes e temos dificuldades nas de capital. Por isso, é verdade que os números não são bons, mas são números.

Quanto à continuidade, poderá haver, mas há muitas descontinuidades. Há obras que foram lançadas em 2011 e lançou-se a primeira pedra e não se fez. E aí podemos falar de escolas, nomeadamente. Há muitas escolas que as obras ficaram paradas todo esse tempo. É evidente que nos domínios das obras públicas, houve muitas pedras lançadas; houve muitos contractos assinados e muitas vezes o que faltou foram as verbas. O que vamos fazer é procurar verbas e avançar. Agora, louvores para quem pensou, louvores para quem lançou a primeira pedra e louvores também para quem vai dar os 30%, porque este Orçamento vai fazer com que as coisas aconteçam para o bem da população. Neste aspecto, não tenho protagonismo. O que importa é resolver o problema do povo.

#### *Aplausos do ADI.*

O Sr. Deputado falou de Terminal Link. Terminal Link como uma outra empresa qualquer, é empresa, olha para os seus interesses e nós olhamos para os nossos. Se a Terminal Link morrer, vou morrer? Tenho que continuar a arranjar uma solução. A Terminal Link teve um contracto com São Tomé e Príncipe, 2008-2012. Em 4 anos não conseguiu. Não pôde, não quis, a conjuntura estava difícil, etc., etc. E ou não necessário um porto em águas profundas? Se a Terminal Link foi para outro sítio qualquer, não estamos preocupados, porque o nosso governo ...*deficiências na gravação*. É a questão de financiamento. Esses projectos de portos, não estão abandonados. ... *deficiências na gravação*... que é não só porque estamos a fazer este ano, que é estender a rede e aumentar a capacidade produtiva, mas mudar o tipo de estrutura de produção para a estrutura mais barata não acaba agora. Se não conseguirmos isso, o nosso país terá sérios problemas de viabilidade. Agora, as empresas têm as suas estratégias e a sua vida e o Governo também tem a sua.

Quanto à questão das documentações, etc., etc., há muita coisa a fazer. O Governo acredita que, através da informatização e da governação electrónica, iremos ter a população mais próxima dos serviços do Estado, de uma maneira mais célere e mais barata. Nestes aspectos, também estamos tranquilos. O Instituto de Inovação e Conhecimento (INIC) foi criado por um governo de coligação, em 2008, com o PCD, o ADI e o MDFM, chefiado por Patrice Trovoada. Por isso, essa questão da informatização, para termos documentos seguros, céleres, para não termos os nossos compatriotas em Portugal sem poder ter um passaporte devido à duplicação de registo; para permitir alguém ter o seu Bilhete de Identidade, em Caué ou Lembá; para permitir que tenhamos documentos seguros, documentos que não desapareçam, documentos não falsificados, o programa de Governo ao nível de governação electrónica irá resolver.

Por conseguinte, minhas senhoras e meus senhores, quero dizer que temos alguns confortos naquilo que estamos a fazer, mesmo só tendo 7 meses de execução.

Quanto à agricultura, é a nossa prioridade, Sr. Deputado, mas quero dizer que pelo menos há uma indicação importante que frisei no meu discurso. As nossas negociações e o acordo que teremos com o FMI, 2015/2018, não considera as receitas do petróleo. É uma posição tomada e assumida para que de facto só possamos construir São Tomé e Príncipe na base daquilo que defendemos, turismo, agricultura de qualidade e prestação de serviços.

Se o FMI concorda com essa nova opção, é porque também o FMI dá algum crédito a este Governo.

#### *Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Obrigado, Sr. Primeiro-Ministro, por esses esclarecimentos.

Gostaria apenas de informar que, tendo chegado a hora de fazermos um pequeno intervalo, como já é da praxe ao nível da nossa Assembleia, portanto, convido as Sras. e os Srs. Deputados e também os

membros do Governo para um intervalo de 30 minutos e retomaremos depois. Quando for, avisaremos a todos para retomarmos os nossos trabalhos.

**Uma voz:** — A que horas vai terminar a sessão?

O Sr. **Presidente:** — Vamos terminar às 15 horas. Portanto, vamos suspender os trabalhos.

*Eram 12 horas e 10 minutos.*

Srs. Deputados, vamos retomar os nossos trabalhos.

*Eram 12 horas e 50 minutos.*

*Ruídos.*

Peço algum silêncio, porque com este barulho nada se poderá fazer.

Já agora passo a informar o tempo restante para cada grupo parlamentar e o Governo.

Portanto, o Governo tem ainda 97 minutos, utilizou 14 minutos; o ADI tem 98 minutos, também utilizou 14 minutos; o MLSTP/PSD tem 40 minutos, utilizou 10 minutos; o PCD tem 4 minutos e ao UDD já não resta tempo.

Podemos continuar com o nosso debate. Como dizia, está aberto, se houver da parte das Sras. e dos Srs. Deputados o interesse de intervir, podem fazê-lo neste momento, pois estão abertas as inscrições.

Tem a palavra a Sra. Deputada Ana Rita, para uma intervenção.

A Sra. **Ana Rita** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e todo o seu Elenco, Sras. e Srs. Deputados, muito bom dia.

Tomo a palavra apenas para pedir um pequeno esclarecimento. De acordo com o Programa apresentado pelo XVI Governo, no sector da Saúde o Governo propõe implementar uma política eficiente de abastecimento de medicamentos e nas Grandes Opções do Plano está plasmada a transformação do Fundo Nacional de Medicamentos em CAME. A minha dúvida é: o que é CAME, quais são os seus objectivos, onde vai comprar os medicamentos?

O Sr. **Presidente:** — Gostaria apenas de dizer à Sra. Deputada que esta questão tem a ver com a discussão na especialidade, mas pronto, ...

A Sra. **Ana Rita** (MLSTP/PSD): — Está nas Grandes Opções do Plano.

O Sr. **Presidente:** — Ok, estamos na generalidade agora, não faz mal nenhum, já colocou a pergunta. Tem a palavra a Sra. Deputada Maria das Neves, para uma intervenção.

A Sra. **Maria das Neves** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro, Srs. Membros do Governo, gostaria de dirigir uma saudação a todos. Sr. Primeiro-Ministro, dando resposta às questões que foram sendo colocadas, o senhor teria dito que, de facto, a questão de mobilização de recursos não se coloca, a questão de execução sim, tem sido o problema daqui deste país. Isto para dizer que a segunda parte da minha pergunta não tinha sido respondida, tendo em conta que próprio o Sr. Primeiro-Ministro reconhece que a questão de execução tem sido complicada. Sr. Primeiro-Ministro acha que é possível atingir-se a meta de 5% de crescimento económico neste espaço de tempo que resta ao Governo para a implementação do seu Programa?

Tinha também levantado a questão do alargamento da base tributária, o Sr. Primeiro-Ministro disse que o que o Governo pretende é cobrar as dívidas. Fiz a pergunta porque quando falamos do alargamento da base tributária, numa política de inclusão fiscal, estamos a querer meter no sistema novos contribuintes, como forma de fazer com que eles possam também começar a pagar o fisco.

Quando se fala de cobrança de dívidas, julgo que são contribuintes que já estão no sistema que devem lá estar, portanto, não vejo isso como elemento que justifique o alargamento da base tributária.

Por último, Sr. Primeiro-Ministro, queria levantar aqui uma questão que devia ser matéria de especialidade, mas tendo em conta a sua abrangência, gostaria de colocá-la aqui. Trata-se de um orçamento sensível ao género. Nós hoje falamos muito de Parlamento sensível ao género, Governo sensível ao género, orçamento sensível ao género e quando leio este orçamento vejo que se trata de um orçamento que não é sensível ao género.

O Governo incluiu no orçamento apenas verba para realizar a festa de 8 de Março e 19 de Setembro como forma de apoio ao Gabinete do Género. Portanto, num contexto em que nós todos temos a consciência de que há muitos problemas no País, que as mulheres e os homens poderiam dar um grande contributo, refiro-me à violação sexual de menores, à questão de gravidez na adolescência, que vem

tomando proporções preocupantes, a questão mesmo da violência doméstica. Confesso, preferia ver no orçamento verba para a formação das pessoas, verba para desenvolver pequenas acções que contribuam de facto para reforçar essa questão de igualdade do género do que ver no orçamento verba para festejar 8 de Março e 19 de Setembro. É dada muito pouca importância à questão do género, e eu gostaria de pedir ao Governo que analisasse friamente esta questão, porque há muita gente com os olhos postos em nós, mesmo os nossos parceiros, querem saber que tratamento é que se dá à questão do orçamento sensível ao género, e para nós, julgo que podemos fazer muito mais.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra a Sra. Deputada Alda Ramos, para fazer uma intervenção.

A Sra. **Alda Ramos** (ADI): — Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e Chefe do Governo, Sra. e Srs. Ministros, Sras. e Srs. Deputados, bom dia e votos de um bom trabalho.

Tomo a palavra apenas para, nesta augusta Assembleia, felicitar o Governo pelas medidas que tomou com relação à deslocação das *palaiês* para o interior dos mercados, tendo em conta que as condições de sanidade não estavam a ser respeitadas...

*Aplausos do ADI.*

... ou seja, após as vendas, surgia o acumular do lixo, que podia até causar enormes problemas para a saúde, muito embora com as intervenções do poder local do Distrito de Água Grande.

Quero aqui dizer que neste Orçamento está contemplada a reabilitação do mercado de Côco-Côco, a construção de dois mercados que irão servir para a grande melhoria das condições de venda, garantindo assim um alimento limpo, seguro e são para a população.

Também gostaria de felicitar o Governo – não me canso de o fazer, porque tenho visto acções e são essas acções que o povo precisa, pois o Governo foi eleito pelo povo para resolver os problemas do povo e dentro das prioridades das prioridades com relação aos assuntos económicos e sociais – pela retoma do GIME. Já foi aqui dito, mas não me canso de repetir. O GIME porquê? Porque o GIME tem um princípio bastante bom com relação às questões do género, porque no GIME estão inseridas mais de 60% da classe feminina, e do meio rural. Portanto, é bastante notório e devemos tomar em conta, nós que estamos ligadas às questões do género.

*Aplausos do ADI.*

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado António Barros, para um ponto de ordem.

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, creio que há deputados a mais nesta Sala. Somos 55 Deputados e não consigo entender como é que na bancada do público há palmas e estão a participar no debate. Creio que isso não é normal? É só isso.

O Sr. **Presidente**: — Bem, os assistentes não devem se emocionar nem tão-pouco reagir. Podem assistir, mas em silêncio. Acredito que com a chamada de atenção não vão continuar a fazer isso. Talvez de uma forma emotiva, tentaram exprimir o que lhes vem na alma, mas agora com a minha intervenção não vão voltar a fazê-lo...

O Sr. **António Barros** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, creio que a plateia não se deve manifestar e o Sr. Presidente tem que tomar medidas para pôr cobro a isso.

O Sr. **Presidente**: — Correcto. Eles não vão repetir, tenho a certeza disso, pois já fiz o apelo. Vamos continuar.

*Pausa.*

Presumo que o silêncio quererá dizer que estão perfeitamente satisfeitos com esses esclarecimentos e daí podemos avançar.

Sr. Primeiro-Ministro, convido-lhe a responder a algumas perguntas que foram colocadas.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**: — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados: CAME é uma Central de Abastecimento de Medicamentos. Existe um Fundo Nacional de Abastecimento e toda gente sabe quais são os problemas que temos com medicamentos no nosso país. Daí que são acções que o Governo vai implementar, no âmbito das suas atribuições, para melhorar o abastecimento, a qualidade e o preço dos medicamentos.

Quanto ao crescimento, em 2014, com uma execução do Programa de Investimento Público que rondava os 38%, tivemos um crescimento de 4.5% e, por isso, estamos convencidos que 5% é uma meta razoável.

Quanto às questões ligadas ao género, pedimos de facto verbas para o mecanismo de implementação da estratégia. Está previsto. É verdade que existe muitas verbas para festejar ou comemorar algumas datas, mas comemoração de datas não implica que não se faça acções que têm a ver com a sensibilização sobre diversos temas, em função das datas. O que é importante é que existe uma verba para o mecanismo de implementação da estratégia. Há uma estratégia que foi definida e ela vai ser implementada na ordem de Dbs. 1.450.000.000.00 (mil milhões e quatrocentos e cinquenta milhões de dobras).

Para a violência doméstica/violação, temos um reforço de verbas dos Tribunais e do Ministério Público, porque esses actos têm que ser devidamente enquadrados. Não vou utilizar outras palavras. São actos inadmissíveis, a Justiça tem que funcionar, tem que ter mão pesada e as pessoas têm que queixar. Daí que há reforço de verbas ao nível do Ministério Público e dos Tribunais. No nosso entender, violência doméstica e violação é assunto da Justiça, não do Género. É Justiça.

As outras acções estão contempladas e acho que o Governo não foge a uma constante política do nosso país, que é trabalhar no sentido de maior equidade do género.

O Sr. **Presidente**:— Portanto, vamos continuar com as nossas intervenções. Não sei se há algum Deputado que querará se pronunciar.

Tem a palavra a Sra. Deputada Ana Rita.

A Sra. **Ana Rita** (MLSTP/PSD):— Sr. Presidente, confesso que não fiquei esclarecida. Temos o Fundo Nacional de Medicamentos, que foi criado através da Iniciativa de Bamako. O Fundo Nacional de Medicamentos compra directamente da IDA. Agora, se estamos a propor acabar com o Fundo para criar uma Central de Abastecimento, o que me preocupa é, se o Fundo é uma organização sem fins lucrativos, quais são os objectivos e fins dessa Central? Vai ser uma organização lucrativa ou não? O Fundo compra medicamentos através da IDA e os medicamentos, através da IDA, são comprados a um preço subvencionado e só o Governo pode comprar. A minha preocupação é, que tipo de empresa é o CAME e onde é que vão comprar os medicamentos, como é que vai ser o fornecimento.

Não fiquei esclarecida.

O Sr. **Presidente**:— Tem a palavra a Sra. Deputada Beatriz Azevedo, para sua intervenção.

A Sra. **Beatriz Azevedo** (MLSTP/PSD):— Sr. Presidente, tomo a palavra para reforçar a questão que a Sra. Deputada Maria das Neves colocou.

Quando a Sra. Deputada Maria das Neves colocou a problemática do género, ou seja, da violência doméstica e da violação de menores, que haja orçamento para esse fim, é uma forma de prevenção, porque há uma instituição que é o Gabinete de Violência Doméstica, Igualdade e Equidade. E quando se fala da igualdade e equidade do género, não se fala só para as mulheres, porque pela informação que temos até as crianças de sexo masculino estão a ser violadas. É nesses termos, em forma de prevenção, não deixar acontecer para só depois levar para os Tribunais e o Ministério Público. É essa a nossa preocupação.

O Sr. **Presidente**:— É apenas para lembrar aos Srs. Deputados que estou a constatar que estamos a entrar muito em áreas que não são da generalidade. Estamos a abordar questões que têm mais a ver com a especialidade. Daí que agradecia imenso que nos confinássemos ao que nos trouxe cá hoje, se na realidade se pressupõe a apreciação de uma forma genérica de tudo aquilo que tem a ver com as duas propostas do Governo.

Deixo em aberto a continuidade do debate e não sei se há mais algum Deputado que queira se pronunciar.

Como havia dito no início do debate, tendo intervindo cinco Deputados, damos a possibilidade para o Governo responder.

*Pausa.*

Portanto, presumo que o silêncio é para avançar, partindo do princípio de que já não há mais intervenções. Sendo este o caso, convido os Líderes Parlamentares para proferirem as suas declarações, antes de concluirmos os nossos trabalhos, nos termos do número 3 do artigo 209.º do Regimento da Assembleia Nacional.

Convido o Sr. Líder do PCD, para fazer a sua intervenção, se houver.

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Não temos declarações a fazer.

O Sr. **Presidente**:— Tem a palavra o Sr. Deputado Arlindo Barbosa.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD):— Desculpe Sr. Presidente, só uma questão prévia. Não participei na Conferência de Líderes e peço já desculpas, se a minha intervenção estiver deslocada. Penso que para além dos prazos fixados na Conferência, o Regimento diz claramente, no artigo 209.º, que o prazo mínimo para a discussão, na generalidade, são 2 dias e não sei se estamos a pecar em termos legais.

O Sr. **Presidente**:— Estamos, em princípio, pela aplicabilidade das coisas, mas o que está a acontecer agora é que estamos em pleno debate e andei a solicitar se as Sras. e os Srs. Deputados tinham alguma intervenção a fazer. Nos termos dos debates e do Regimento da Assembleia Nacional, continuo a avançar os trabalhos e, não havendo intervenções, Sr. Deputado, acho que é legítimo e pertinente avançarmos para mais além. E mais além, aconselha a quê? A convidamos os líderes a fim de se pronunciarem sobre as duas propostas de lei. Não estou a violar nada. Prevíamos para hoje um debate de cerca de 5 horas e 30 minutos. O Governo fez a sua intervenção, que levou cerca de 30 ou 40 minutos e agora o tempo registado é para este debate que está a ter lugar.

Sr. Deputado, se não houver mais dúvidas, então cabe ao Presidente conduzir os trabalhos e na condução dos trabalhos tenho que ter a percepção do que está a acontecer neste momento.

Perguntei se não havia mais intervenções, solicitei aos líderes para proferirem os seus discursos, no sentido de intervirmos para o encerramento dos debates. É o que está no Regimento.

Posso continuar, Sras. e Srs. Deputados?

**Uma Voz**:— *Pode.*

O Sr. **Presidente**:— Daria agora a palavra ao Sr. Líder do MLSTP/PSD.

*Murmúrios.*

Sras. e Srs. Deputados, vamos estar atentos à intervenção do Sr. Deputado Arlindo Barbosa, em nome do seu Grupo Parlamentar.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Sr. Presidente, não devemos polemizar esta questão de prazo, mas no Regimento está escrito e acho que devíamos cumprir, porque há intervenções que poderiam ainda surgir no segundo dia do debate.

Bom, se entendem que devemos encerrar, vamos encerrar, mas devemos estar todos de acordo que está escrito no Regimento e que devíamos cumprir.

Antes de falar do que me trouxe cá, não sei se o Governo ou o Ministro de Obras públicas tem informações de que a via de acesso da Vila de Santa Catarina à Roça Lembá está cortada, por causa do mau tempo que se assistiu. Portanto, era só para o Governo ter conhecimento do facto.

«Sr. Presidente da Assembleia Nacional, Sr. Primeiro-Ministro e Chefe do Governo, Sra. e Sras. Ministros, Sras. e Srs. Deputados, Excelências, as minhas saudações.

É para mim, como sempre, uma honra e grande prazer dirigir-me a esta augusta Assembleia, em nome do Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD, e hoje por ocasião da discussão e votação na generalidade das Grandes Opções do Plano e do Orçamento Geral do Estado para o ano económico de 2015.

Permitam-me saudar a todos os presentes e, a partir deste pódio, a todo o povo de São Tomé e Príncipe, em geral, e os militantes e simpatizantes do MLSTP/PSD, em particular.

Excelências, eis que acabamos a discussão na generalidade das GOP e do OGE para o exercício económico de 2015. A preparação deste importante e vital instrumento para São Tomé e Príncipe foi demasiado longa e, tal como disse o Sr. Primeiro-Ministro, vai ser executado em apenas 7 meses, o que vai pôr em causa a meta dos 5% do crescimento da economia proposto pelo Governo, com todas as consequências que trará na vida da população.

Quisera o Governo construir argumentos para sustentar a tão tardia apresentação destes dois instrumentos, mesmo sobejamente ciente da violação da Lei do Sistema de Administração Financeira do Estado (SAFE), o que significa dizer que este orçamento terá uma execução de cerca de 7 meses, uma vez que a partir de 30 de Setembro o Governo deverá submeter à Assembleia Nacional o orçamento de 2016, nos termos da lei em vigor.

O Grupo Parlamentar do MLSTP/PSD assumirá sempre a fiscalização da acção governativa e uma postura de contribuir para a solução dos problemas que se colocam à Nação.

Gostaríamos de fazer recordar ao Governo, às senhoras e aos senhores parlamentares e à sociedade em geral que ainda nesta II República houve um governo que tomou posse em Outubro e veio apresentar esses instrumentos no final do ano. Trata-se do VIII Governo Constitucional.

Sr. Presidente, Excelências, quisera o Governo que este Orçamento representasse as profundas aspirações das populações. Lamentavelmente, este Orçamento foi feito com a população, mas não para a população. Porquê? Ora vejamos: porque existe um profundo desfasamento entre as Grandes Opções do Plano e o Orçamento Geral do Estado.

Segundo, há uma grande discrepância entre as medidas de política e as projecções orçamentais.

Ao nível do sector real da economia, nomeadamente a Agricultura e Pescas, a maior parte da nossa população utiliza os recursos desse sector para o seu sustento, o Governo apenas ingressou 5,9% do valor global do Orçamento, o que significa uma fraca aposta na economia, se tivermos em conta a nossa realidade como País eminentemente agrícola.

O Governo que aposta na coesão social e no crescimento económico, dois eixos fundamentais do seu Programa, decidiu pelo alargamento e inclusão social. A preocupação é como sustentar toda esta problemática. Com isso, o Governo vai meter as mãos nos bolsos daqueles que nada têm para o seu sustento. Neste sentido, aproveitamos esta sublime ocasião para chamar a atenção para o seguinte: a problemática da segurança alimentar e o melhoramento da dieta alimentar dos são-tomenses não encontrou um espaço claro neste Orçamento.

Registamos a intenção do Governo em dar continuidade à reforma da Justiça, pilares fundamentais para o fortalecimento do Estado de Direito democrático, no entanto, exorta-se ao cumprimento escrupuloso das regras da aquisição ou da adjudicação para as obras do futuro edifício sede do Supremo Tribunal de Justiça.

O combate à corrupção parecia constituir, nos primeiros dias de governação, uma aposta deste Governo, mas no quadro da reforma do Estado e da coesão social, não existe de forma explícita neste Orçamento mecanismos para o efeito.

Quanto à informatização da Segurança Social, em jeito solicitação ao Ministro de tutela, em função do acordo assinado com Cabo Verde sobre a informatização da Segurança Social que vai custar ao Estado são-tomense cerca de 600 000 euros, gostaríamos que durante a fase de discussão, mesmo na especialidade, obtivéssemos melhor esclarecimento em relação ao dito acordo.

Termino, augurando que o povo de São Tomé e Príncipe consiga a satisfação das promessas eleitorais feitas pelo Partido do Governo.

Da parte do MLSTP/PSD, faremos uma oposição responsável, fiscalizadora, fazendo valer sempre a nossa responsabilidade enquanto partido histórico, criador e defensor da democracia, pautando pelo respeito das normas constitucionais e legais estabelecidas.

Viva a democracia! Viva o Povo de São Tomé e Príncipe!»

O Sr. **Presidente**: — Convido o Líder do Grupo Parlamentar do ADI a proferir também o seu discurso. Tem a palavra o Sr. Deputado Abnildo d'Oliveira.

O Sr. **Abnildo d'Oliveira** (ADI): — Excelentíssimo Sr. Presidente, Sr. Primeiro-Ministro e Chefe do Governo, Sra. e Srs. Ministros, Caras e Caros Deputados: «Eis que acabamos de fazer um exercício interessante para a aprovação das propostas de lei das Grandes Opções do Plano e do Orçamento Geral do Estado, dois instrumentos importantes para a vida do País.

A razão de só agora proporcionarmos ao País estes dois instrumentos reside num facto tão sobejamente conhecido por todos, em caso concreto, a realização tardia das eleições legislativas.

Quanto à apreciação na generalidade desses dois documentos, podemos tirar algumas ilações. A oposição que tanto reclama pelos seus direitos tem vindo, em alguns casos, a adoptar uma política de silêncio. Na semiótica ou na semiologia, podemos classificar e interpretar esse sinal. Na nossa interpretação, este silêncio está a demonstrar uma clara ausência de proposta da oposição e, em última análise, não quer engasgar-se com as suas próprias palavras. Mas hoje foi diferente, a oposição falou, mas não trouxe nada de novo...»

*Protestos do MLSTP/PSD.*

O Sr. **Presidente**: — Srs. Deputados, apelo a esta augusta Assembleia que estamos em plena discussão do Orçamento e gostaria que calmamente continuássemos com os nossos trabalhos.

O Sr. **Vasco Guiva** (MLSTP/PSD): — Está a falar com mentira, Sr. Deputado! Corrija o discurso!

O Sr. **Presidente**: — Vamos continuar pacificamente até o fim.

O Sr. **Abnildo d'Oliveira** (ADI): — ...hoje a oposição falou, mas não trouxe nada de novo, nenhuma proposta credível para o desenvolvimento de São Tomé e Príncipe, sempre a mesma cantiga de todos os outros tempos.

Neste debate concluímos, da parte da oposição, nada de novo.

O Grupo Parlamentar do ADI manifesta a sua satisfação com a actuação do Governo, que com uma atitude pragmática tem vindo a demonstrar ideias e visão claras sobre o caminho que o País deve seguir. Essa postura do Governo está reflectida neste OGE que, pela primeira vez, com a participação da população, demonstra as boas práticas democráticas. Dentre as várias situações importantes na vida da

população são-tomense, foram identificadas as necessidades e, dessas necessidades, a própria população apresentou prioridades. Neste OGE, estão as prioridades das prioridades, a saber: água, energia e estrada.

Com este OGE também apelidado de orçamento do cidadão, acreditamos que o Governo lançará as bases para o desenvolvimento com apostas nas infra-estruturas como a energia, que, na zona Sul, irá de Ribeira Afonso a Ribeira Peixe, no Norte do País, de Neves a Santa Catarina, beneficiando as populações dessas localidades.

Um outro aspecto é a água potável para o máximo número da população; o desenvolvimento do turismo; a criação de postos de emprego; saudamos a retoma do GIME, agora com a participação financeira do País, que beneficia muitas famílias, particularmente as mulheres.

Sublinhamos a proposta do Governo em matéria da educação, com enfoque para a construção de um novo liceu. Ao fim de um período longo de inoperância, o XVI proporciona à população da Região Autónoma do Príncipe os sinais da Rádio Nacional. Os Deputados do Grupo Parlamentar do ADI, no seu papel de fiscalizador, asseguram que irão acompanhar as acções do Governo na execução deste Orçamento.

Neste sentido, o nosso grupo parlamentar vota favoravelmente nestes documentos. Votar a favor deste Orçamento, que é também considerado orçamento do cidadão, tendo em conta a sua participação, é votar em prol das prioridades da população, no seu bem-estar e no desenvolvimento de São Tomé e Príncipe.

Muito obrigado a todos.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Danilson Cotú, para uma intervenção.

*Protestos do ADI.*

O Sr. **Danilson Cotú** (PCD): — Sr. Presidente, entendemos que deveríamos dar alguma satisfação ao povo são-tomense, explicando o porquê de não termos feito a nossa intervenção.

O n.º 1 do artigo 209.º do Regimento desta Assembleia diz claramente que «O debate na generalidade das GOP e do OGE tem a duração mínima de dois dias.»

Não havendo mais intervenções, suspende-se o trabalho e retoma-se no dia seguinte.

O Sr. **Presidente**: — Sr. Deputado, tínhamos planificado, mas o que acontece é que os Srs. Deputados não avançaram com mais perguntas. Já são 13 horas e 30 minutos, alias na Conferência de Líderes, tínhamos programado para 2 dias. Portanto, não tendo mais questões, temos que avançar, baseando no que diz o Regimento. Não havendo outras intervenções, podemos avançar no sentido de encerrar o debate do dia de hoje.

Estamos em Plenário, não vamos ser obrigados a colocar esta questão em votação. Acho que não faz qualquer sentido. Vamos avançar.

Agora vou convidar o Sr. Primeiro-Ministro a proferir a sua mensagem, antes de encerramos esta sessão plenária.

O Sr. **Arlindo Barbosa** (MLSTP/PSD): — Interpelação à Mesa, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — O que está previsto no Regimento da Assembleia Nacional, no seu ponto 2 do artigo 209.º é que quem encerra o debate é o Sr. Primeiro-Ministro, antes de passamos à votação. Estou a cumprir escrupulosamente o que está estatuído nos termos regimentais.

Tem a palavra o Sr. Primeiro-Ministro.

O Sr. **Primeiro-Ministro e Chefe do Governo**: — Sras. Deputadas e Srs. Deputados, depois do debate, temos que agradecer as intervenções e as contribuições.

Estamos ainda mais convictos de que este Orçamento e as Grandes Opções do Plano para o ano de 2015 irão melhorar de uma maneira visível as condições de vida das nossas populações.

Estamos convencidos de que embora tenhamos 7 meses até o final do ano, as medidas e acções inscritas no Orçamento são realizáveis. Neste Orçamento, fruto da auscultação popular, não pudemos, no meio de tantas prioridades, atender a todas as preocupações da população, mas aquelas principais e sobretudo aquelas que irão fazer com que o povo tenha cada vez mais confiança nos seus dirigentes, serão compridas.

Estamos também convencidos de que a falta de verbas não impede sempre que se faça reformas, que se prepare dossiês, que se estude as problemáticas e sobretudo estamos convencidos que este Orçamento, embora tardio, cria as condições objectivas para que o orçamento de 2016 seja de facto um orçamento que dará uma direcção muito clara e uma sustentação muito forte àquilo que pensamos ser as grandes opções para o desenvolvimento de São Tomé e Príncipe.

Por isso, convencido que estamos de que este Orçamento é bom, é um orçamento realista, honesto, humilde, é um orçamento que conta com recursos quase todos garantidos e voltaremos cá para o próximo ano ou próximo exercício com um país mais forte e mais bem preparado para enfrentar os desafios do futuro em prol sobretudo da juventude de São Tomé e Príncipe e dos mais desfavorecidos.



O Governo pede, por conseguinte, a confiança desta Casa Parlamentar para, o mais rapidamente possível, podermos trabalhar mais, ainda mais e melhor para o povo de São Tomé e Príncipe.

Muito obrigado.

O Sr. **Presidente**: — Muito obrigado Sr. Primeiro-ministro.

Vamos avançar com a nossa agenda proposta ao longo do dia, desta feita submeto as duas propostas de lei à aprovação na generalidade, começando pelas Grandes Opções do Plano.

*Submetida à votação, foi aprovada com 31 votos a favor, sendo 30 do ADI e 1 do UDD, e 17 Abstenções, dentre as quais 13 do MLSTP/PSD e 4 do PCD.*

*Aplausos do ADI.*

Passamos de imediato à votação da proposta de lei do Orçamento Geral do Estado, também na generalidade.

*Submetida à votação, foi aprovada com 31 votos a favor, sendo 30 do ADI e 1 do UDD, e 17 Abstenções, dentre as quais 13 do MLSTP/PSD e 4 do PCD.*

Está aprovado o Orçamento Geral do Estado, na generalidade.

*Aplausos do ADI.*

Apenas para informar que teremos de dar continuidade aos nossos trabalhos amanhã. Portanto, haverá uma convocatória para a Conferência de Líderes para agendarmos os debates na especialidade. É isto que queria informar.

A Mesa depois irá convidar os Líderes, porque gostaríamos de ter um encontro com os mesmos, para agendarmos todo esse trabalho.

Muito obrigado e continuação de um bom dia.

Portanto, ouvido as declarações dos Líderes e não havendo mais assuntos a tratar, declaro encerrada a sessão.

*Eram 13 horas e 40 minutos.*

*Faltaram a sessão os seguintes Srs. Deputados:*

Acção Democrática Independente (ADI):

**Celmira D'Almeida do Sacramento**

**Manuel da Graça José Narciso**

Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe/Partido Social-Democrata (MLSTP/PSD):

**Jorge Amado**